INGLEZES

LORJO TAVARES

INGLEZES...

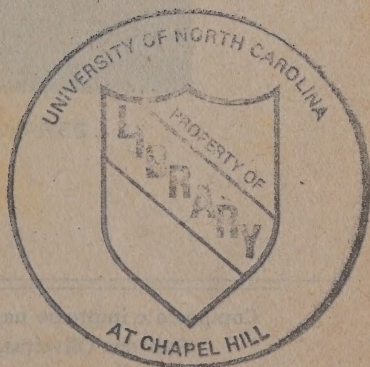
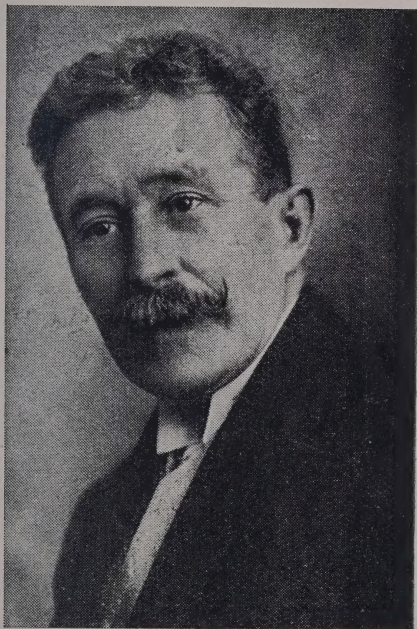
Comedia

De

Lorjó Tavares

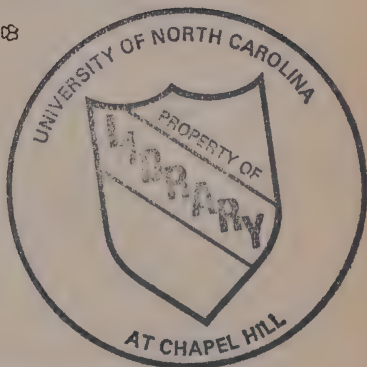
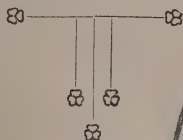
Jorge Colaço

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO—EDITORA
PORTO

INGLEZES...

LORJÓ TAVARES

LORJÓ TAVARES

Inglezes...

COMEDIA EM 3 ACTOS

1925

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO-EDITORA
Américo Fraga Lamares & C.ª, L.da
75, Rua das Oliveiras, 77
Pôrto

A peça INGLEZES ... *foi levada á scena pela primeira vez no Trianon, do Rio de Janeiro, pela companhia Christiano de Sousa, em em 20 de Setembro de 1915.*

□ □

Representou-se, pela primeira vez, no Theatro Nacional, antigo teatro de D. Maria II, de Lisboa, em 27 de Março de 1924.

INGLEZES...

Exposição dirigida
ao Ministerio da Instrucção:

Ex.[mo] *Sr. Director Geral*
de Bellas Artes:

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.[a] *que se realisou hontem a primeira representação da peça em 3 actos* INGLEZES, *original do sr. Lorjó Tavares. A comedia, pois de uma comedia se trata, agradou plenamente. Publico e critica foram unanimes nos applausos com que a acolheram. O auctor é um antigo e distincto escriptor de theatro, tendo subscripto, ha annos, durante a empreza Rosas & Brazão, duas outras peças:* O SUICIDA *e o* SEGREDO DA CONFISSÃO, *que lograram acolhimento tambem favoravel. A peça tem leveza, graciosidade e perfume. Caracteres e sentimentos, definidos apenas em leves traços, conseguem, pela ternura leve e fugitiva que envolve os personagens, crear uma atmosphera de sympathia, mantendo no espectador um quasi permanente sorriso. De ahi o agrado. Nem cara-*

cteres vincados, nem paixões violentas. Tudo sereno, primaveril, apaziguante. Lembra uma peça com erradios traços romanticos pelo retoque moral dos personagens, a que a linguagem, simples mas de tinta litteraria, désse aspectos de transicção entre aquelle genero e o meio moderno. Ha paginas na obra dos Quintero que teem uma expressão emocional tão delicada e ingenua, por vezes, como esta peça. O desempenho exacto, nitido, sem esmorecimentos, e realçando a ternura esparsa em toda a obra. Finalmente: um espectaculo interessante, tanto por parte do auctor, como da interpretação. Esforço consciencioso que desfechou n'um exito — merecido.

Março 28-1924.

SANTOS TAVARES,

Commissario do governo junto do Theatro Nacional.

INGLEZES...

Comedia em 3 actos

ORIGINAL de

Lorjó Tavares.

Á memoria

do meu querido

JAYME VICTOR.

. . . .

E a ti,

MARGARIDA,

doce e bôa companheira da minha vida.

L. T.

INGLEZES...

Comedia em 3 actos

PERSONAGENS

		INTERPRETES
Emilia	62 anos	*Maria Pia*
Miss Mary	18 »	*Ilda Stichini*
Miss Jessie	25 »	*Helena de Castro*
Rosa, creada	20 »	*Maria Pilar*
Taylor	45 »	*José Ricardo*
Johnson	55 »	*Joaquim Costa*
Ricardo.	30 »	*Raphael Marques*
William Nelson . . .	40 »	*Luiz Pinto*
Carlos	20 »	*Clemente Pinto*
Braz.	60 »	*Joaquim de Oliveira*
Thomé	....	*Ruben Mello*
Chico	....	*José Henriques*
Antonio Teixeira. . .	30 »	*Carlos Shore*
Manoel, creado . . .	30 »	*Carlos de Sousa*
Procopio, jardineiro .	....	*Shore*
Guarda-portão. . . .	65 »	*Teixeira Soares*
Francisco, carteiro . .	....	*Reis Damaso*
Um creado	....	*N. N.*

1.º e 2.º actos em Lisbôa.
3.º acto em Torres Novas.

ACTO I

Escriptorio luxuoso, estylo inglez, de aspecto severo. Secretarias. Poltronas fundas. Fogão. Uma prensa. Machina de escrever. A um lado o retrato do rei de Inglaterra. Em evidencia o distico *Time is money*. Portas, ao F. e lateraes. Janella á D.

SCENA I

Thomé e Chico. Depois Braz. Depois Nelson

THOMÉ *(escrevendo)*

Oh, Chico!

CHICO *(escrevendo)*

Que ha?

THOMÉ

Isso está prompto, ou demora?

CHICO

Está quasi prompto.

THOMÉ

Então, quando acabares, levas estes papeis ao caixa?

CHICO

Levo, mas quando o homem chegar. Sua Ex.ª foi ao *lunch*. Esta mania de *lunch!* E' mesmo de inglezes!

THOMÉ

Tu não *lanchas?*

CHICO

Eu não. Não está o tempo para esses luxos. Eu almoço e janto: e estou com sorte.

THOMÉ

Mas ceias.

CHICO

Ás vezes, quando calha.

THOMÉ

Como hontem. Bem te vi no Tavares rico em grande bródio. *(entra Braz da E.)*

CHICO

Ah, viste? viste? *(dando-se ares e recostando-se na cadeira).* Pois é verdade. Estive ceiando com o Carlos.

BRAZ

Que Carlos?

CHICO

O filho do patrão, sr. Braz.

BRAZ

Estive ceiando com o sr. Carlos é que o sr. Chico quereria dizer: quereria e deveria dizer.

CHICO

Isto não é falta de respeito por elle, sr. Braz.

BRAZ

Pois parece.

CHICO

É que nós agora abolimos o *senhor*. Nós agora somos intimos.

ILDA STICHINI
(Miss Mary Taylor)

JOSÉ RICARDO
(Taylor)

JOAQUIM COSTA
(Johnson)

Braz

Parabens. Mas não espere que essa intimídade sirva para o justificar quando vier para o escriptorio ás dez e meia como hoje *(senta-se á secretária da D.)*

Thomé

Ora apanha lá esse pião á unha.

Chico *(encolhendo os hombros)*

Tudo aquillo é inveja. *(a Thomé, a meia voz)* Foi uma ceia de truz! E' um grande pandego o... o *senhor* Carlos!

Thomé *(idem)*

Sae ao tio Ricardo, que tambem é de força!

Chico

A proposito, oh Thomé, porque é que esse tal tio Ricardo vive sempre em Londres?

Thomé

Porque não gosta de Lisboa. Diz que isto por cá é tudo muito reles.

Chico

Ah! lê pela mesma cartilha do patrão? Esse tambem detesta Portugal.

Braz

Basta de conversa, meninos.

Chico *(ap.)*

Meninos, virgula!

BRAZ

Sr. Thomé, logo que possa vá ao London com esta papelada.

THOMÉ

Vou já.

NELSON *(ao F)*

Mr. Taylor?

THOMÉ *(ao Chico)*

Já me tardava.

BRAZ *(indo ao encontro de Nelson)*

Muito bôa tarde sr. Nelson!

NELSON

Mr. Taylor?

BRAZ

Foi ao *lunch*, mas julgo que não tardará. *(Nelson dirige-se para o F).* Não quer esperar?

NELSON

No.

BRAZ

São apenas alguns minutos.

NELSON

No.

BRAZ

O sr. Nelson volta depois?

NELSON

Yes.

BRAZ

Que devo dizer ao sr. Taylor?

NELSON

Nothing (sae: Braz acompanha-o).

THOMÉ

Que maduro!

CHICO

Yes... no... good morning... all right... Batatas! Como é que o patrão o atura?

THOMÉ

É inglez, homem. Tudo que é inglez, bem sabes, é sagrado para o sr. Taylor.

CHICO

E aspira este espantalho á mão de *miss* Mary! Tinha que ver se a pequena dizia que sim.

THOMÉ

E porque não? Este Nelson é pôdre de rico. Ora como dizem que as chaves de oiro abrem todas as portas...

CHICO

Abrirão, mas não me parece que cheguem a abrir a porta do coração d'ella.

BRAZ *(entrando)*

Muito original este sr. Nelson!

THOMÉ

É o que nós diziamos, sr. Braz: um original e um maluco. Não acha?

BRAZ *(seccamente)*

O que acho é que passa das tres e que esse trabalho não tem fim.

THOMÉ

Acabei já. Sempre quer que vá ao London?

BRAZ

Que pergunta! Decerto que quero. E avie-se, que o sr. Taylor está a chegar *(Thomé sae pela E, levando os papeis)*.

CHICO

Deseja alguma coisa de mim, sr. Braz? Vou ao caixa.

BRAZ

Pode ir. *(Chico sae pela E, Braz senta-se á secretaria da D: pouco depois Carlos assoma ao F)*.

SCENA II

Braz e Carlos

CARLOS

Oh, velho sacripanta!

BRAZ *(erguendo-se)*

Ah! é sua Ex.ª?! Viva! seja muito bem vindo! *(Carlos aponta para uma das portas da D, n'uma interrogação muda)* Não está, mas não tarda. E vá-se preparando para ouvir o bom e o bonito. O papá já perguntou pelo *empregado Carlos* uma duzia de vezes.

Carlos *(descendo)*

E tu que respondeste, scelerado?

Braz

Eu? Não respondi nada. Sei lá por onde o menino se mette!

Carlos

Pois devias dizer-lhe que o empregado Carlos é um empregado modelo, e que hoje veiu para o escriptorio ás sete da manhã, nota bem, ás sete da manhã...

Braz

Ás sete?! deveras?!

Carlos

Ás sete, sim, á hora a que os pardaes saem dos ninhos quentes em cata de sustento para os seus meninos.

Braz

Ora muito me conta!

Carlos

E trabalhei até ás nove e meia. Pasma! Até ás nove e meia!

Braz

Ih!... trabalhou?! Ora vejam!

Carlos

Mas o sr. Braz não disse nada ao papá Taylor porque a essa hora ainda não tinha chegado ao banco, e não tinhá chegado porque a essa

hora estaria ainda a dormir, e estaria a dormir porque perdeu a noite, talvez a beber champagne.

BRAZ

Champagne? credo! Se eu não bebo isso ha que annos! desde o dia do seu baptisado! Champagne!

CARLOS

Champagne, sim, e com a aggravante de o beberes em casas mal afamadas e com creaturas de má nota.

BRAZ

Ora seja tudo pelo amor de Deus! Mas diga-me cá, menino: tem certeza de que fui eu quem esteve hontem n'essa extravagancia com gente de má nota e ao lado do Chico, que já hoje veiu gabar-se de ser tu cá tu lá com o filho do patrão? Não tem vergonha de andar em pandegas com os seus subordinados! Não sabe dar-se ao respeito!

CARLOS

Coitado do Chico! Sabes lá! Imagina tu, Braz amigo, que nós eramos cinco, incluindo a Dôres do Virgilio...

BRAZ

Bella companhia, não ha duvida!

CARLOS

... e a americana do circo. Tu não conheces a Magda? Toma lá um charuto, velho vicioso.

BRAZ

Eu não conheço gente d'essa! Obrigado: não fumo.

CARLOS

Gente d'essa?! Dobre a lingua, sr. Braz. Olhe que a Magda é uma Artista com A grande. Levanta vinte arrobas com os dentes! E alem de artista é uma linda mulher com uns braços grossos como presuntos e um lindo nariz de beterraba. E bebe como um homem. Ora o pobre do Chico deitava cada olho para os nossos piteus e para a beterraba da pequena que eu tive dó d'elle. O desgraçado ceiava chá com torradas. Chá com torradas! brada aos céus! Tu achas justo que eu coma bons bocados e outros morram de fome a mastigar pão torrado? Tu já tomaste bem o peso a esta monstruosidade que se chama fome? Pois o Chico tinha fome, ouves? Tinha fome, o misero! Eu então fui buscal-o, enchi-o de champagne até deitar por fóra e dei-lhe a beterraba. *(Braz ri)* Tu ris, selvagem? ris quando devias embasbacar enternecido diante do gesto nobre com que eu dividi aquella propriedade internacional?

BRAZ *(escutando e apontando para o F)*

Porque não mostra esse nobre gesto á pessoa que vem subindo a escada?

CARLOS *(escutando)*

Pessoa não: temporal. Fica tu, Braz amigo. O vento é ponteiro e eu arribo áquelle porto de abrigo. *(aponta para a E)* Fica tu e aguenta o primeiro embate do papá Taylor. E firme, que o vagalhão é de respeito! *(sae pela E)*.

BRAZ

Cabeça leve, mas um coração de oiro! Quem me déra ter um filho assim! *(ouve-se a voz de Taylor. Braz toca um timbre e entra da D um creado)*.

SCENA III

Taylor. Braz. Um creado. Depois Carlos

TAYLOR *(ao F)*

Não dou esmolas a ninguem, já disse! *(falando para fóra)* Isto não é portaria de convento, nem cosinha economica *(desce: o creado que entrou da D, ajuda-o a despir o sobretudo)* Aqui trabalha-se e não se protegem indolentes. Vão trabalhar, mandriões! Todos os portuguezes são mandriões. *(vendo Braz)* Todos sem excepção! *(dá as luvas, o chapeu e a bengala ao creado, que logo sae pela D).*

BRAZ

Muito obrigado, sr. Taylor. *(pausa)* O homem que está ali fóra... talvez não reparasse... é o cego da rua do Carrião a quem V. Ex.ª costuma dar esmola.

TAYLOR

Dar! sempre dar! E' preciso que acabemos com esse mau costume de dar! E' immoral. Em Inglaterra ninguem pede esmola. Em Inglaterra não ha mendigos, fique sabendo. Uma pouca vergonha! *(Braz encaminha-se para o F)* Aonde vae?

BRAZ

Vou despedir o cego e dar ordem para pôrem na rua todos os pedintes que appareçam. Não é isso que V. Ex.ª quer?

TAYLOR

É. Mas espere. Tome lá. Dê isto ao cego *(a um sorriso de Braz)* De que é que se ri? Afinal esse maroto é uma excepção. Mas que não volte. *(Braz sae por um momento pelo F e torna a entrar)* Não sustento indolentes *(senta-se á secretaria da D)* Não alimento vicios *(folheia papeis: pausa, a Braz)* Que disse esse vadio?

BRAZ

Não disse nada: lá ficou a chorar, o maroto!

TAYLOR

A chorar?!

BRAZ

Lagrimas de crocodilo!

TAYLOR *(lança-lhe um olhar severo: pausa)*

Isto que é?

BRAZ

Isso é o memorial do velho que veiu pedir trabalho.

TAYLOR

O trabalho de um velho! ha-de ser fresco!

BRAZ

É aquelle homemsinho que trouxe o cartão de *miss* Mary.

TAYLOR

Minha filha a recommendar meliantes! Era o que faltava! *(pausa)* Que pede ella afinal?

BRAZ

Pede o logar do Pedro.

TAYLOR

O Pedro? qual Pedro?

BRAZ

O guardão-portão que morreu ha um mez.

TAYLOR

Indeferido! É um luxo superfluo. Guarda-portão para quê? Isso influe por ventura nas cotações?

BRAZ

Creio que não. Lembro, porem, ao sr. Taylor que *miss* Mary se interessa muito por elle.

TAYLOR

Ah! interessa-se muito por elle? Deveras? interessa-se? Pois faço-lhe a vontade. Mas vae para a sua conta corrente. Tome nota. Ponha lá esse inválido na escada e diga-lhe da minha parte que é a ultima vez que o emprégo. Agora chame o empregado Carlos e ponha estes papeis na minha secretaria *(Braz vae á porta da E, acena para dentro e entra á D. Pouco depois entra Carlos).*

CARLOS

Good afternoon...

TAYLOR

What do you want twenty pounds for?

CARLOS

Well, papá... I have...

TAYLOR

Fale em portuguez, sr., fale em portuguez. Nós não estamos em Inglaterra, infelizmente. Estas cadeiras são portuguezas, estas paredes são portuguezas, e eu não quero que a pureza da minha lingua caia em ouvidos portuguezes... nem mesmo em ouvidos de paredes.

CARLOS

Effectivamente, papá, tudo em Portugal é uma peste: até eu sou uma peste.

TAYLOR

Tu és uma excepção, e com excepções não se argumenta. És portuguez por desgraça tua. A culpa foi de tua mãe que se lembrou de te dar á luz n'este lindo paiz. Fêl-a bonita! Só te falta agora que renegues o meu nome e passes a chamar-te o sr. Silva, ou o sr. Pereira. (entra Braz)

CARLOS

Peço desculpa de ter nascido cá, papá.

TAYLOR

Tambem eu cá nasci. E sabes o que fiz? Fui logo inscrever-me no consulado britannico.

CARLOS

Logo que nasceu?! Ih! Logo que nasceu?! Foi por seu pé, papá?

TAYLOR

Não é da tua conta. Fui: é quanto basta. E fui para não ser mais tarde um vadio como tu, ou um amanuense como os outros.

CARLOS

O papá esquece-se de que eu venho para o escriptorio às nove da manhã... *(Olhando para Braz)* A's vezes até chego às sete... por signal que a essa hora ainda cá não está ninguem... *(Braz volta a cara e sae a rir)* e saio às cinco.

TAYLOR

E' a tua obrigação. Empregados vadios que fazem a Avenida não me servem.

CARLOS

Não nos entendemos, papá. Como é que eu sou vadio se trabalho?

TAYLOR

E's vadio antes das nove e depois das cinco. Que é que tu fazes até às nove?

CARLOS

Que faço? Durmo.

TAYLOR

Vadiagem. E depois das cinco?

CARLOS

Depois das cinco? Janto.

TAYLOR

E depois?

CARLOS

Depois... saio.

TAYLOR

E depois?

CARLOS

Depois...? Oh, papá! depois... etc.

TAYLOR

Vadiagem sempre. Eu, aos dezeseis annos, levantava-me às seis, todos os dias. Meia hora de gymnastica, vinte minutos para banho e o resto, cinco minutos para o café... Aos dezoito tinha já trezentas libras de saldo na casa a 2 1/2 por cento. E tu... A propósito: para que é que o sr. pediu vinte libras adiantadas?

CARLOS

Papá, na minha edade... bem sabe... despezas... coisas... o *foot-ball.* E' verdade... Os rapazes do *foot-ball* promovem uma festa a favor dos orphãos da guerra, e mal iria ao filho do banqueiro sr. Taylor abster-se: de mais a mais banqueiro inglez.

TAYLOR

Hm... *(pausa)* Visto que se trata de uma festa ingleza... pode ir levantar às vinte libras *(toca um timbre)* Mas isto — e fique entendido de uma vez para sempre — por excepção *(a um empregado que entra da E)* Chame o sr. Braz *(a Braz que entra logo a seguir).* Dê ordem na caixa para que adiantem vinte libras ao empregado Carlos.

CARLOS

Thank you... (a um movimento de Taylor) Muito obrigado é que eu queria dizer.

BRAZ

Deseja mais alguma coisa?

TAYLOR

Não *(encaminha-se para o gabinete de D: à porta)* Diga lá dentro que não recebo ninguem *(Braz sae)*.

SCENA IV

Taylor. Johnson. Carlos.

JOHNSON *(ao F)*

Nem mesmo a mim, amigo Taylor? Adeus, Carlos. *(aperta-lhe a mão)*.

TAYLOR

Ah, é você! Entre. Ninguem da raça latina. Para o sr. Johnson estou sempre. Sente-se. *(a Carlos)* Antes que me esqueça: vae ao Avenida Palace e faze transportar para casa as bagagens de teu tio.

CARLOS

As bagagens do tio Ricardo? *(alegre)* Elle chegou? deveras? Bello! ainda bem! (esfrega as mãos).

JOHNSON

E chegou sem avisar ninguem?!

TAYLOR

Chegou. S. Ex.ª chegou *(a Carlos)* Percebo-te. Mas fica sabendo que as horas do escriptorio continuam sendo as mesmas. Não julgues que te deixo andar por ahi em correrias com o doido do teu tio. Agora podes ir.

CARLOS

Fico sciente *(apertando a mão a Johnson)* E viva a pandega! Até logo, papá.

TAYLOR *(a Johnson)*

Sente-se.

JOHNSON

Temos então em Lisboa o nosso Ricardo? Muito folgo, muito folgo.

TAYLOR

Sim? Pois não folgo eu. Mas deixemo-nos de folguedos e diga o que quer. Vamos, sente-se e fale.

JOHNSON

Espere, homem. Que demonio! não tenha pressa, que isto não vae a matar, meu caro Taylor. Deixe-me respirar primeiro. (senta-se) Venho cançado e afogueiado. Um dia quente, mas um dia lindo!

TAYLOR *(ironico)*

Muito lindo!

JOHNSON

Oh, estes dias de maio são uma delicia!

TAYLOR

Ah! acha uma delicia os dias de maio?!

JOHNSON

Vinte e tres gráus — uma delicia! Um ceu sem nuvens, todo azul... Bebe-se o ar com prazer.

TAYLOR

Ah, gosta de beber este ar? *(azedo)* Pois eu prefiro beber wisky.

JOHNSON

Oh, Taylor! o peior veneno que nós exportamos, o wisky!

TAYLOR *(n'um pulo)*

Veneno?! Então o sr. chama veneno a um producto inglez?! Talvez goste mais de aguardente de figo!?

JOHNSON

Nada. Eu só bebo Porto, amigo Taylor.

TAYLOR

Uma mixordia! O unico Porto que um bom inglez deve beber é o *Port-wine* que se fabrica em Londres. O sr. Johnson é um degenerado. O sr. Johnson perdeu a sua nacionalidade.

JOHNSON

Está enganado. O que eu perdi foi o rheumatismo que me trouxe a humidade londrina. Bastou para isso um banho d'este bom ar desconhecido nas margens do Tamisa.

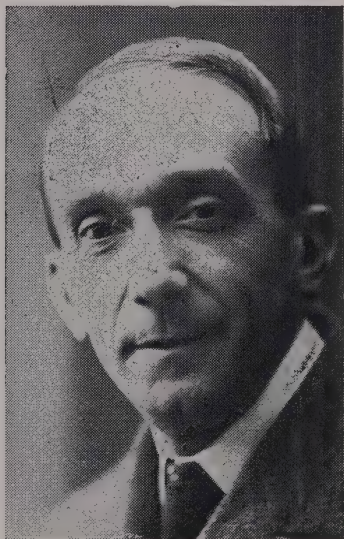
TAYLOR

Pois o sr. atreve-se a comparar este negregado clima com o nosso?! No Reino Unido não ha rheumatismo: é todo importado. E dizem-se estes senhores bons patriotas!

JOHNSON

Oh, homem de Deus! que tem o patriotismo que ver com a doçura do clima de Portugal?

MARIA PIA
(Emilia)

RAPHAEL MARQUES
(Ricardo)

LUIZ PINTO
(William Nelson)

TAYLOR

Isso... dôce. Já o provou?

JOHNSON

Olhe, Taylor: o que eu provei foi o bello Collares que você mandou a minha sobrinha.

TAYLOR

Uma porcaria.

JOHNSON *(rindo)*

Pois a Jessie agradece-lhe a porcaria que é magnifica.

TAYLOR

Que lhe faça bom proveito. Se é magnifica é por excepção. Os vinhos portuguezes são todos horriveis.

JOHNSON

Mas deve concordar em que são melhores do que os nossos.

TAYLOR

Talvez imagine que não podemos produzir vinhos! Pois engana-se. O solo da Inglaterra produz tudo. Mas não queremos. O espirito inglez não se preoccupa com essas miserias agricolas muito primitivas. Temos vistas mais largas — commercio rasgado, navegação que abrange todos os mares, fabricas, inventos, conquistas no campo da sciencia...

JOHNSON

E minas de carvão, não se esqueça.

TAYLOR

E minas de carvão, sim senhor: carvão que

abastece todos os mercados. Veja lá se em Portugal ha carvão de pedra que preste. Um paiz pobrissimo, sem industria, sem nada.

JOHNSON

Sem industria? Ora faça favor de apalpar esta farpella. Apalpe. Pois isto é de cá.

TAYLOR *(desdenhoso)*

Industria portugueza isso?

JOHNSON

Sim sr.: portugueza. E barato: duzentos e cincoenta mil reis.

TAYLOR *(apalpando)*

Hm... barato... é... Onde comprou?

JOHNSON

Muito perto: aqui ao lado, no 33.

TAYLOR

Bem: tomo nota. Mas isso não prova nada. O sr. acha tudo bom e bonito: é uma mania. Eu acho tudo máu e feio. Até as mulheres são feias.

JOHNSON

O meu caro Taylor esquece-se de que tem lá em casa um exemplar de se lhe tirar o chapéu — a sua menina.

TAYLOR

Minha filha é uma excepção. Além d'isso é minha. E' um producto inglez.

JOHNSON

Ora ahi está um argumento que me tapa a

bôca. E vamos ao fim da minha visita. Venho pedir-lhe um favor.

TAYLOR

Dois: tudo que quizer. Para um patricio estou sempre ás ordens. Para os outros nada.

JOHNSON

Oh, demonio! Oh, demonio! Já vejo que vim bater a má porta.

TAYLOR

Porquê?

JOHNSON

Porque o favor é para um dos taes outros.

TAYLOR

Explique-se.

JOHNSON

Você conhece o Antonio Teixeira?

TAYLOR

Teixeira? Ah... Um immoral que vive com uma mulher... Conheço. E' um mal comportado.

JOHNSON

Pois esse mal comportado, esse immoral, que é um bello caracter, precisa de dez contos de reis para deixar de ser isso que diz... para regularisar a sua situação.

TAYLOR

Já o devia ter feito ha mais tempo.

JOHNSON

Não o fez por falta de dinheiro. Ora como eu não tenho agora essa quantia disponivel, nem posso pelo contracto social — percebe? — lembrei-me...

TAYLOR

Lembrou-se mal. Não empresto dinheiro a ninguem.

JOHNSON

Nem eu peço que empreste, homem esturrado! Basta a sua assignatura n'uma letra.

TAYLOR

Não assigno letras *(pausa: gesto de contrariedade de Johnson)*. Se é para o sr. Johnson, póde mandar buscar os dez contos: póde mesmo levar o cofre com tudo que lá houver, se quizer.

JOHNSON

Posso levar o cofre? Deveras?

TAYLOR

Póde.

JOHNSON

Pois acceito o cofre. E muito obrigado. *(ergue-se)*. Agora não lhe tomo mais tempo, que o tempo vale oiro.

SCENA V

Os mesmos e Mary

MARY *(entrando ruidosamente pelo F.)*

Boa tarde, papá. *(Apertando a mão a John-*

son). Como está? E sua sobrinha? (*vae apertando a mão a Taylor).*

JOHNSON

Deve estar esperando por mim aqui perto.

MARY

Ai, papá! Que cara carrancuda! Que tens tu?

TAYLOR

De onde vens?

MARY

Que pergunta! Venho da rua.

TAYLOR

Uma menina que se preza... (*reparando em Johnson*) Está bem. Isso fica para depois (*vê o relogio: Mary ri*).

JOHNSON *(rindo)*

Vou á vida. Adeus, amigo Taylor. Adeus, linda Mary (*aperta-lhe a mão*).

MARY

Vês como é amavel o sr. Johnson? Mais do que tu. Que pae que eu tenho! Nem sabe que existe o adjectivo linda. Os seus madrigaes são todos para a burra.

JOHNSON

A proposito de burra: cá lhe mando o Teixeira.

TAYLOR

O Teixeira para quê?

JOHNSON *(rindo)*

Para levar a burra.

TAYLOR

Mas ha-de passar recibo, ouviu? Sem recibo não sae de aqui nem um *penny*. (*Johnson sae a rir*).

SCENA VI

Taylor e Mary

MARY *(encostando-se á cadeira de Taylor)*

Ora vamos lá ouvir o resto da phrase: "uma menina que se preza...?"

TAYLOR

Uma menina que se preza não anda pela rua sósinha.

MARY

Mas pode viajar sósinha nos paquetes da Mala Real, não é verdade?

TAYLOR

Isso foi uma vez só, por excepção.

MARY

Duas, papá, duas. Uma de Lisboa para Inglaterra, quando fui para casa da tia Campbell — ha quantos annos isso foi! — e outra de volta. E em Londres andava só.

TAYLOR

Londres não é Lisboa.

MARY

Então eu não posso andar só, sendo quasi uma ingleza?

TAYLOR

Falta o quasi.

MARY *(fazendo uma mesura)*

Miss Mary, pessoa respeitavel, filha de uma portugueza—o que não tem nenhuma importancia—e filha de um *english man*—o que tem toda a importancia—dezoito annos á porta, educada á ingleza, vestida á ingleza, calçada á ingleza—vê estes dois armazens, papá (*mostra-lhe os sapatos*)—porque motivo não ha-de andar só... á ingleza?

TAYLOR

Porque não é decente, e alem d'isso porque... não quero.

MARY

Não queres? Ah, tu não queres?! Está muito bem. Submetto-me a esse despotismo bem portuguez. Portuguez, sim sr. Ah, papá! Estás perdido! Vaes na rotina acanhada do *alfacinha*. Tu és um lisboeta, papá.

TAYLOR

Nunca! Um lisboeta? Nunca!!

MARY

E adeus ideal de independencia, de liberdade, de emancipação! Pois faça-se a sua vontade, sr. banqueiro portuguez (*a um movimento de Taylor*) Portuguez, sim sr.! Pois muito bem. Seja. *Miss* Mary, que tem um pae inglez que nasceu no Lumiar...

TAYLOR

Mas por acaso, ouviste? Nasci lá por acaso.

MARY

... que nasceu lá por acaso, *miss* Mary, a quem só falta um marido inglez, muito direito, para ser ingleza de todo, *miss* Mary passa desde este momento a ser uma menina da *baixa* com olheiras, a recitar coisas romanticas, a ter dama de companhia de dia, e a namorar um alferes ás escondidas de noite. Está satisfeito, meu senhor e dono?

TAYLOR

Estou. É assim mesmo.

MARY

É assim mesmo, é? com alferes e tudo? Pois bem *(simulando debruçar-se)* Não posso demorar-me por causa do papá. É quasi meia noite. Está uma noite muito fria: não acha, sr. alferes? Muito boa noite, sr. alferes...

TAYLOR

Estouvada!

MARY

Ah papá! Tu és um pae arte velha, um pae provinciano, um pae desnaturado. Se tu soubesses como me ia bem este ar leal! Se tu soubesses como é bom uma rapariga como eu dizer tudo quanto pensa, olhar de frente para os homens, e andar sósinha, encadernada na sua consciencia! Mas S. Ex.ª quer que eu seja uma menina hypocrita de olhos no chão... Pois faça-se a vontade ao verdugo... *(n'uma mesura).*

SCENA VII

Os mesmos. Emilia. Depois Ricardo. Depois Braz

EMILIA *(ao F.)*

Oh, cabeça de vento! Então tu deixas-me á porta no automovel e esqueces-me?!

MARY *(a Taylor)*

Vês como eu andava pelas ruas sósinha?

TAYLOR

Chega muito a proposito, minha mãe.

EMILIA

Aposto que ainda não disseste a teu pae que vamos hoje ao theatro.

MARY

Não tive tempo, minha avó. Este sr. esteve a prégar-me um sermão.

TAYLOR

E não te disse tudo. *(a Emilia)* Mary abusa. Todos os dias chegam pedidos absurdos. Hoje nada menos de dois: vinte libras para o estroina do irmão...

EMILIA

Vinte libras? E' uma bonita quantia! Mas tu recusaste, é claro...

TAYLOR

É claro... recusei...

EMILIA

E o outro pedido?

TAYLOR

O outro pedido é um emprego para um velho estupido.

EMILIA

Velho que tu não empregaste, é claro...

TAYLOR

Exactamente... não empreguei *(risinhos de Mary)*. Esses caprichos arruinam-me e eu não quero ficar a pedir esmola, como ha-de succeder, mais anno menos anno, a teu tio Ricardo. A proposito d'esse sr.: leia a minha mãe este bilhete e diga-me se não é mesmo de um maluco.

EMILIA *(lendo)*

É do Ricardo! Então elle está em Lisboa?!

MARY *(alvoroçada)*

O tio Ricardo chegou?!

TAYLOR

Chegou. S. Ex.ª chegou. E foi hospedar-se no Avenida Palace, o principe!

MARY *(um quasi nada absorta)*

Chegou...

EMILIA

Mas por que motivo não foi para nossa casa?

TAYLOR

Porque é maluco.

EMILIA *(lendo)*

«Escrevo do Avenida Palace. Cheguei de madrugada, no *Asturias.* Fugi do *fog* londrino e venho para esta luminosa primavera do nosso lindo paiz»...

TAYLOR

É fresca a primavera do nosso lindo paiz... do paiz d'elle! *(ao F. apparece Ricardo).*

EMILIA *(lendo)*

«Irei logo dar-lhe um abraço. Espere-me ás três horas. Ricardo».

RICARDO

Presente á chamada.

MARY

O tio Ricardo!

EMILIA

Ricardo! *(ensemble).*

TAYLOR

Ricar... *(n'um impulso abre os braços, sorrindo, mas logo volta costas)* Hm... o maluco!

RICARDO *(beijando as mãos de Emilia)*

Minha bôa D. Emilia! Aqui me tem de volta como o filho prodigo.

EMILIA

Meu querido Ricardo! E agora será de vez... como das outras vezes, por uma semana?

RICARDO

Não. Agora é para todo o sempre *(a Taylor)* *My dear*... perdão... meu caro cunhado! Venha de lá esse abraço.

TAYLOR *(deixando-se abraçar)*

Que calor! que expansões de abraços! Parece-me que seria bastante um aperto de mão.

RICARDO *(a Emilia)*

Sempre o mesmo cabeçudo este seu filho, D. Emilia!

TAYLOR

Cada um é como é.

RICARDO *(a Mary)*

E tu, pequena, não vens dar-me um abraço?

MARY

Um cento, tio! *(corre a lançar-se-lhe nos braços).*

EMILIA

Que ideia foi essa do hotel, Ricardo?

TAYLOR

Hotel? Hospedaria é que deve dizer, e reles como todas as hospedarias d'esta horrivel terra.

RICARDO *(a Mary, abrindo-lhe os braços e contemplando-a)*

Mas tu cresceste n'estes quatro annos, rapariga! Estás uma linda moça!

MARY

Acha, tio? Pois não é d'essa opinião aquelle senhor. Para o seu rico cunhado não ha portugueza que tenha um palminho de cara de «benza-te Deus!»

RICARDO

Deixa-o falar. A nossa opinião *(indicando-se e indicando Emilia)* vale mais. Ora vem cá: senta-te aqui *(pausa)* Quantos já?

MARY

Dezoito quasi.

RICARDO

Deveras? dezoito? Diacho! Fazes-me velho, Mary.

TAYLOR

Não é da edade: é da estroinice.

RICARDO

Não se metta onde não é chamado e deixe em paz esta trindade—uma avó com quem você não se parece nada, o bohemio que regressa ralado de saudades, e esta soberba pequena que nem parece portugueza.

TAYLOR

Não parece, nem é.

RICARDO

Vamos lá a saber, Mary: já tens um derriço?

MARY

Já, sim sr. Tenho dois.

EMILIA *(rindo)*

Dois?! aos pares, Mary?

MARY

Dois, avó. Um... alferes *(olhando para Taylor que vae sentar-se á secretaria da D.)*

RICARDO

Bravo pelo alferes!

EMILIA

E o outro que é? major?

MARY

A avó bem sabe quem elle é. *(a Ricardo)* O outro é um noivo inventado por aquelle senhor. Trinta mil libras de renda e uma fabrica de flanellas em Manchester.

RICARDO

O quê?! um *bife?!*

TAYLOR *(n'um pulo)*

Bife?! Essa falta de respeito com que o senhor fala de um subdito de S. M. Britannica!

MARY *(comicamente zangada)*

Essa falta de respeito com que o tio fala do meu fabricante de piúgas! *(Emilia ri)* Não ria, minha avó. Olhe que se trata do seu neto em perspectiva—longe vá o agoiro!—um neto comprido, de suissas amarellas.

TAYLOR

Não são amarellas: são loiras *(entra Braz com papeis e vae á secretaria da D.)*.

RICARDO *(apertando effusivamente a mão a Braz)*

Sempre rijo, amigo Braz? *(a Mary)* Isso é serio, Mary? Oh, pae sem coração! Então você vae vender sua filha por um fardo de camizolas?!

MARY

E se soubesse como elle é ciumento! Cuidado com o homem, tio! É uma fera!

EMILIA

Coitado! O pobre Nelson é inoffensivo.

MARY

Imagine o tio Ricardo um machinismo tapado com uma sobrecasaca e que se move por si. Em cima uma cabeça de vermelhão: em baixo dois pés inglezes, authenticos. Tudo aquillo é direito, sem um desvio, sem uma ruga. Não anda: deslisa. Não é um homem: é um boneco com corda.

EMILIA

Tem graça a caricatura!

MARY

Caricatura não, avó: photographia. Só fala por monosylabos... em inglez sempre. Portuguez... *never*. Conhece a nossa lingua, mas jurou-lhe guerra. De ahi *(indicando Taylor)* a sympathia de S. Ex.ª Como se trata de um patricio... *all right*. A proposito de noivos: porque não casa o tio Ricardo com *miss* Johnson? Ella adora-o, coitadinha!

RICARDO

Vou pensar n'isso.

MARY *(meio sobresaltada)*

Ah, vae...? Deveras? Foi para isso que veiu? Se foi para isso, era melhor ter ficado por lá...

SCENA VIII

Os mesmos. Johnson e Jessie. Depois Nelson. Depois Braz

JOHNSON *(ao F.)*

Dão licença?

EMILIA

Pois não.

MARY

A sua apaixonada, tio.

EMILIA

Entre, *miss* Jessie *(vae ao seu encontro com Mary)*

JOHNSON *(uma reverencia a Emilia e um aperto de mão a Ricardo)*

Amigo Ricardo... Sempre bem, não é verdade? *(a Taylor)* Parabens *(a Ricardo)* Nós... é isto que vê n'esta Lisboa tão saudavel—saudavel a despeito do que diz seu cunhado.

TAYLOR *(que foi apertar a mão a Jessie)*

Que diz você? Que foi que disse? *(Ricardo vae ao grupo das três)*

JOHNSON

Digo que o amigo Taylor diz mal de tudo isto, mas por cá se vae deixando ficar *(Taylor gesticula).*

MARY *(a Jessie)*

Como o acha, *miss* Jessie? *(indica Ricardo)*

JESSIE

Muito bem. Isto é...

MARY

Mais bonito?

JESSIE

Oah, Mary!

MARY

Mais feio?

EMILIA

Não lhe responda, Jessie.

RICARDO

Essa cabeça não regula, Mary.

MARY

Regula melhor do que a sua—a cabeça e o coração, que não é ingrato como o seu. Sempre lá por fóra tendo aqui tanta gente a querer-lhe bem! *(Jessie baixa os olhos).*

TAYLOR *(a Johnson)*

Pois repito-lhe que muito brevemente vou residir em Inglaterra.

MARY

Em Inglaterra, papá?! Que ideia! Não ouviu, minha avó?

EMILIA

Deixa-o falar. Ha lá muito frio.

JESSIE

Quem me dera viver tambem em Londres!

TAYLOR

Tem razão, *miss*. Aqui só por necessidade.

MARY

Credo, papá! Que diz a isto, tio Ricardo?

RICARDO

Teu pae d'esta vez tem razão.

MARY

E *miss* Jessie tambem! Que três! Percebe-se!

EMILIA *(a Taylor)*

Nada então te prende a Portugal?

TAYLOR

Os negocios apenas.

JOHNSON

Pois eu para Londres nem amarrado.

TAYLOR

Ha lá seis milhões de habitantes. Não faz lá falta nenhuma *(Ricardo vae a uma porta da E.)*.

EMILIA *(a Taylor)*

Pois nem as tuas recordações de infancia, nem os teus amigos...?

MARY

A avó não sabe que o papá não tem amigos portuguezes? Os seus amigos são os taes seis milhões de gente que elle nunca viu.

RICARDO (*chamando*)

Carlos! oh, Carlos!

EMILIA

É verdade: onde está o Carlos?

TAYLOR (*a Ricardo*)

Lá o verá em casa. Foi buscar as suas bagagens. Creio que não pensou em ficar no hotel.

EMILIA

Era o que faltava!

MARY (*a Ricardo*)

Vae encontrar os seus aposentos como os deixou. Ah, tio Ricardo! Como sou feliz hoje! Nem uma nuvem n'este lindo céu... (*ouve-se a voz de Nelson*) Escutem... Ai, que desgraça!

> « Negra nuvem que os ares escurece »
> Sobre as nossas cabeças apparece . . .

Lá vem a nuvem (*apparece Nelson ao F.*) Lá está a fera, tio!

NELSON (*indo, muito hirto, a Emilia*)

Quite well?

EMILIA

Thank-you. (Nelson beija a mão de Emilia, aperta a mão a Mary e Jessie, lança um olhar de revez a Ricardo e volta-se para Taylor e Johnson)

JOHNSON

Como vae o amigo Nelson? bem!

NELSON

Yes.

TAYLOR

Demorou-se hoje!

NELSON

No.

TAYLOR

Ah! já cá esteve?

NELSON

Yes.

TAYLOR

Veiu durante a minha ausencia?

NELSON

Yes.

MARY

Que tal, tio?

RICARDO

Um exemplar curioso!

EMILIA (*a Taylor*)

Não apresentas o sr. Nelson?

TAYLOR (*seccamente*)

Meu cunhado... (*outro tom*) O meu amigo sr. William Nelson, rico industrial em Manchester. (*saúdam-se: um silencio*)

RICARDO

Está ha muito em Lisboa, sr. Nelson?

NELSON (*mostrando dois dedos*)

Two months.

RICARDO

Ha só dois mezes! E... demora-se?

NELSON

Yes.

RICARDO

Preso... (*olhando para Mary*) pelos encantos do paiz, por certo?

NELSON

No. Oah, no!

RICARDO

Como?! Não gosta da minha linda terra?!

NELSON

No.

TAYLOR

E tem muita razão para não gostar.

EMILIA

Nem o clima lhe agrada, sr. Nelson?

TAYLOR (*ironico*)

Um clima ideal. (*Approvação de Jessie*).

JOHNSON

Ideal, exactamente: não o diga brincando. Rara é a semana que não vem ao Tejo um paquete com *touristes*. A Inglaterra visita Portugal na ancia de um raio de sol...

MARY

Que é coisa pouco conhecida por lá.

TAYLOR

Tu que sabes d'isso? (*entra Braz e Mary vae ao seu encontro*).

JOHNSON

Vá ao Estoril, amigo Nelson. Já lá foi com certeza.

NELSON

No.

EMILIA

E a Cintra?

NELSON

No.

EMILIA

É possivel?! Não visitou Cintra?!

NELSON

Never!

RICARDO

Pois em Cintra esteve ha annos o seu patricio Byron. Conhece?

NELSON

Rather!

RICARDO

E veiu de lá encantado, á parte umas pequeninas ferroadas da sua penna de oiro.

TAILOR

Nunca as mãos lhe doeram.

RICARDO

Não ha duvida: nunca lhe doeram as mãos e... os pés... *(indignação de Jessie: olhar furioso de Nelson: Taylor dá um salto: um silencio penoso)*.

EMILIA *(erguendo-se)*

Sr. Johnson, raptamos-lhe sua sobrinha. Jantámos ás sete. Vamos, Mary. *(Faz grupo com Jessie e Ricardo: Johnson toma o braço de Nelson e acerca-se da janella)*.

MARY *(a Taylor)*

Já sei que mandaste pôr na minha conta corrente certa despeza. Mas agradeço igualmente. Ora, como sou eu quem terá de pagar ao guarda-portão, dobro-lhe o ordenado. *(a Braz)* Não se esqueça, sr. Braz: cem mil reis.

BRAZ

Sim, *miss* Taylor.

TAYLOR

Cem mil...?!

MARY *(tapando-lhe a bôcca)*

Não digas nada. Mando eu. O homem tem oito filhos!

TAYLOR

Oito filhos?!

MARY

Oito, sim. E tome lá, sr. rabujento. *(beija-o)*. Que dirá o teu *bife* a este beijo? Tambem terá ciumes?

TAYLOR

A paciencia que eu tenho para te aturar!

MARY

O seu braço, tio Ricardo *(rindo, sae com elle)*. Olhe que essa do Byron foi forte, tio! *(Johnson sae com Nelson pelo braço)*.

EMILIA *(a Taylor)*

Não vens?

TAYLOR *(que seguiu com os olhos Mary e Ricardo)*

Ha tempo de sobra para gosar a bella companhia d'esse senhor. Tenho muito que fazer.

EMILIA *(sorrindo)*

Bem sei que tens muito que fazer. Adeus.

TAYLOR *(detendo-a)*

Oiça, minha mãe...

EMILIA

Estou ouvindo.

TAYLOR

Esses aposentos lá em casa...

EMILIA

Não te dê cuidado.

TAYLOR

Veja lá. É preciso mandar abrir as janellas... arejar os quartos... (*a um sorriso de Emilia*). Talvez imagine que me interesso...? Como se eu não conhecesse esse *lord* que diz mal de tudo.

EMILIA

Descança. Não é o unico má lingua da familia. Vamos, *miss* Jessie. (*a Taylor*) Como tens muito que fazer lá te espero... de aqui a dez minutos (*sae com Jessie*).

SCENA IX

Taylor. Braz. Depois Antonio Teixeira. Depois o guarda-portão

TAYLOR

Espere por isso (*um momento indeciso, vae á janella*). Espere por isso (*pausa*). Esta ideia de chegar em dia de semana! Porque é que aquelle maluco não veiu n'um domingo?

BRAZ

O sr. Taylor não assigna esta correspondencia?

TAYLOR

Correspondencia? (*pausa*). É urgente?

BRAZ

É. (*Taylor vae sentar-se á secretaria*). Uma carta para a casa Thompson, do Porto, as dez mil libras para Newcastle, e isto para o Rio de Janeiro.

TAYLOR

Tudo á ultima hora! De ámanhã em diante quero tudo prompto ao meio dia. Que demonio faz toda essa gente lá dentro? (*ouve-se a busina de um automovel: toca um timbre e volta á janella*). Eu um dia ponho todos na rua e encommendo empregados a Inglaterra (*ao creado que entra da D.*). Mande vir um automovel (*a Braz, descendo*). Tenho muito que fazer (*folheiando os papeis*). Tudo isto?! Está ao menos sem erros?

BRAZ (*sorrindo*)

Deve de estar. Não verifiquei.

TAYLOR

Ah! não verificou? Pois verifique, que eu não assigno de cruz (*vendo Teixeira, que assoma ao F.*) Que deseja?

BRAZ (*adiantando-se*)

O sr. Taylor não póde attendel-o agora. Tem muito que fazer... Chegou o sr. Ricardo (*Taylor lança-lhe um olhar severo*).

TEIXEIRA

Perdão... acabo de estar com o sr. Johnson...

TAYLOR

E então? de que se trata?

TEIXEIRA

Eu vinha para... Não se recorda de mim, sr. Taylor? Eu sou o Teixeira...

TAYLOR

Teixeira? Ah, sim... lembro-me... Antonio Teixeira... Bem sei... Muito prazer... Queira sentar-se.

TEIXEIRA

Eu vinha para...

TAYLOR

Por causa do tal negocio, sei (*vae ao cofre*). Dez contos, não é? E' isso... dez contos.

TEIXEIRA

Oh, muito obrigado! (*um silencio*). Trago aqui o recibo.

TAYLOR (*olha para elle desconfiado, fecha o cofre e entrega-lhe o dinheiro*)

Conte.

TEIXEIRA

Não é necessario, sr. Taylor.

TAYLOR

Conte. Dinheiro conta-se. (*Teixeira estende-lhe o recibo*). Guarde. Para que serve isso? Não

sabe que póde levar o cofre?! Então esse burro do Johnson não lh'o disse? Nem parece inglez.

TEIXEIRA *(attonito)*

Levar o cofre?! *(entra do F. o creado).*

TAYLOR

De que se admira? (*ao creado*). O meu chapéu (*o creado entra á D. e volta pouco depois com as luvas, o sobretudo, o chapéu e a bengala*). Conte esse dinheiro. (*Apparece ao F. o guarda-portão*). Outro! que quer?

GUARDA-PORTÃO

Eu venho agradecer a V. Ex.ª

TAYLOR (*a Braz*)

Quem é?

BRAZ

É o novo guarda-portão.

TAYLOR

Novo?! (*mirando-o emquanto o creado lhe veste o sobretudo: pausa*). Você porque é que tem oito filhos?

GUARDA-PORTÃO

A culpa não é minha, meu senhor.

TAYLOR

É minha talvez, não?

GUARDA-PORTÃO

Desculpe V. Ex.ª se o offendi. Eu vinha agradecer...

TAYLOR

Não tem nada que agradecer. Precisava-se de um porteiro. Tanto faz um como outro. Póde ir. (*O guarda-portão sae: pausa, calçando as luvas*). Oito filhos! Isto só em Portugal! (*Teixeira conta o dinheiro: Braz sorri*). Oito filhos! que grande pouca vergonha! (*sae*).

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO II

Salão severo, á ingleza. Poltronas amplas. Fogão e espelho. Telephone. Terraço ao F. e jardim no mesmo nivel, além de portas de vidraça e abertas.

SCENA I

Taylor ao F, sentado, lendo a Biblia. Emilia, de oculos de oiro, lendo a Biblia. Mary, lendo um livro. Ricardo, lendo um periodico. «Miss» Jessie, em pé, canta ao piano. Carlos acompanha-a. Depois Rosa e Manuel. Depois Nelson.

CARLOS (*momentos de depois do erguer do panno*)

Muito bem, *miss* Jessie! (*e depois do accorde final*) Um nadinha desafinada apenas.

JESSIE

Desafinada, Carlos?!

CARLOS

Sim, linda *miss*. Este ré é sustenido. Ora veja (*levanta-se e Jessie senta-se ao piano*).

JESSIE

É exacto. Tem razão. Que bello ouvido o seu! (*Carlos boceja disfarçadamente, vê o relogio, lança os olhos em torno e põe-se a rir: Jessie continúa decifrando musica sobre as teclas*).

MARY (*a Carlos*)

Psss... Não perturbes quem óra.

CARLOS

Perdoae, oh devota excellencia (*vae sentar-se junto de Emilia: um silencio*). Oh, avó Emilia! está um dia tão bonito e nós aqui encaixotados!

EMILIA

Encaixotados, pequeno! Pois vae passeiar. Não me interrompas.

CARLOS

A avó tambem lê a Biblia?! Isso é um livro immoral.

EMILIA (*rindo*)

Immoral, demonico! És um hereje. Tu não tens vergonha?

CARLOS

Vergonha? Nem tanto como isto. A avó não sabe que eu sou atheu?

EMILIA

Atheu? Tu?!

CARLOS

Sim sr.ª Aqui onde me vê sou um livre-pensador.

EMILIA

Tu sabes o que isso é, rapaz?

CARLOS

Não sei, não sr.ª... isto é, não sei lá muito bem. Mas calculo que livre-pensador é aquelle

que não tem papas na lingua e diz claramente o que pensa, Ora eu n'este momento penso que é horrivel a voz esganiçada de *miss* Johnson.

EMILIA

Psss! cala-te, livre-pensador! Nem tudo que se pensa se diz.

CARLOS

Por isso a avó se cala: pensa como eu, mas eu digo o que penso.

EMILIA

Psss... silencio!

CARLOS

Se aquillo não é voz de gente, avó! E penso tambem que é quasi um crime aos olhos de Deus estarmos engaiolados em casa a fazer penitencia emquanto lá fóra ha sol a jorros n'aquelle céu todo azul. Ora vê... (*volta-lhe o rosto para o lado do jardim, depois de lhe tirar os oculos*). Vê com esses teus olhos bonitos como a natureza está chamando por nós. Viste, minha linda velhinha? Pois agora olha para o reverso da medalha (*aponta para Taylor, para Mary e para Ricardo*). Que lindo quadro de familia! (*Emilia sorri: Ricardo ri*). E' de estarrecer uma pessoa!

MARY (*a Ricardo, comicamente*)

Silencio, snr.! De que se ri? Respeite o domingo inglez e salve a sua alma perdida.

RICARDO

Oh, grande hypocrita! Julgas que a tua alma se salva entrando no céu... dos inglezes?

MARY

Se Deus quizer, ha-de ir para lá em linha recta a cavallo n'este livro santo.

CARLOS

Que livro é esse? a Biblia?

MARY

A Biblia? Maluco! Melhor do que isso: Dickens.

EMILIA

Dickens, Mary?!

MARY

É mais salutar, avó.

CARLOS

E não faz dormir como esse: ella tem razão.

RICARDO

Dickens ao domingo! *oah, shoking!*

CARLOS *(a Emilia)*

Outro hypocrita, avó... (*um silencio*). *Miss* Jessie, cante-nos com a sua voz... *engraçada* o *Let me dream again,* de Sullivan (*a Emilia*) Vê, minha avó... Voz engraçada... Agora não fui livre-pensador... (*Jessie levanta-se para procurar musicas espalhadas sobre uma meza*).

TAYLOR (*que em toda esta scena deu signaes de impaciencia*).

Miss Johnson, faça-nos antes ouvir musica sacra: é mais proprio do dia.

CARLOS (*baixo a Mary*)

Falou o mestre. Agora tudo de joelhos e ouvidos tapados.

JESSIE

Que musica prefere, sr. Taylor?

RICARDO

A que quizer, *miss*. N'estes tempos de cançonetas pouco edificantes qualquer harmonia sacra serve. Oh! as harmonias sacras! como ellas confortam a alma! (*Seraphico*). Como é bom ouvir de olhos fechados um assumpto biblico a solo! *miss* Johnson, ponha-nos em colcheias o nevoeiro londrino, ou faça-nos ouvir o *spleen* em quatro bémóes. (*Emilia e Mary riem: Carlos bate palmas*).

TAYLOR

Caiu-lhe um dente com a gracinha!

CARLOS

Tem filhas de graça o tio Ricardo, não é verdade, papá? O novoeiro em colcheias é um achado real. Até a avó riu!

MARY

E que me dizes ao *spleen* em quatro bémóes? Tambem é uma bella piada!

TAYLOR

Piada?! que termos são esses, Mary?! Não quero tornar a ouvir taes palavrões. Piada! (*entram da D Rosa e Manuel com bandejas de copos e garrafas de wisky, que põem sobre uma meza, e logo saem*).

CARLOS

Effectivamente piada é pouco parlamentar. Onde aprendeste esse calão?

RICARDO

Piada?! Mais compostura, pequena! Compenetra-te da santidade d'este sorna dia de descanço e imita o meu exemplo dando como eu um mergulho salutar no grande tanque da meditação.

CARLOS

Muito bem fala este meu tio! que pena não ser deputado!

MARY

Judas! a fingir que adora as massadas biblicas.

CARLOS

Massadas biblicas... gosto.

TAYLOR

Massadas?! Como se atrevem a chamar massadas a musicas inglezas?!

MARY (*acercando-se de Taylor*)

Não te zangues, meu querido velho rabugento. Eu disse massadas, disse? Desculpa. Enganei-me: queria dizer estopadas, (*tapa-lhe a bôca a rir*).

CARLOS

Isso... estopadas é o termo.

RICARDO

Oh, Mary! Estopadas?! Pois ha coisa mais bella, prazer espiritual mais completo do que ou-

vir, n'um grande recolhimento, uma menina ingleza cantarolar versiculos, sem um gesto, hirta como a vistude?!

CARLOS

Tome nota, *miss* Jessie: hirta como a virtude é comsigo.

MARY

Hirta como a virtude é de primeirissima! Lavre lá dois tentos, tio Ricardo... (*Emilia ri*).

TAYLOR

Outra vez?! Lavre lá dois tentos! Que linguagem é essa?!

JESSIE

Oah, Mary!

CARLOS

Não gostou dos dois tentos, *miss?*

MARY

Do que *miss* Jessie não gostou foi do hirta.

JESSIE

A minha professora diz que não se deve abusar dos gestos e eu canto como me ensinaram. Além d'isso uma menina não é uma actriz, não acha, *m.tres* Taylor?

CARLOS (*acercando-se com Mary de Emilia*)

Sim, que diz a avó a isto? deve-se gesticular ou não se deve gesticular?

EMILIA

Quer a minha opinião, *miss?* Eu lhe digo... O hirto não se dá bem n'este paiz de sol e de sangue vivo. Em quanto ás musicas de egreja...

Eu adoro o orgão, o instrumento divino que mais me fala á alma, mas não morro de amores pelo cantochão. Entre um psalmo cantado por uma bôca vermelha que não saiba sorrir e uma cançoneta bem alegre... eu prefiro a cançoneta! (*Taylor levanta-se*)

CARLOS e MARY (*batendo palmas*)

Bravo, minha avó!

JESSIE

Oah, m.[tres] Taylor!

CARLOS

Que bôca de oiro tem a avó!

EMILIA

Sim, *miss:* prefiro a cançoneta.

TAYLOR

Oah, mother!

EMILIA

Que queres, filho? Ha menos poesia em Jacob por musica do que na frescura da *Canninha Verde.*

MARY

Apoiado, minha avó!

CARLOS

Ouviu, *miss?* É uma opinião insuspeita. Aquella é a verdadeira theoria. Agora attenção, respeitavel publico.

MARY

Não: espera (*fala-lhe baixo e Carlos senta-se ao piano e toca alguns compassos sor-*

nas) Ouvem? Isto é Jonh Bull puro, Agora façam favor de comparar (*Carlos toca a Canninha Verde*). Vê, papá, vê como esta simpleza cheira bem a rosmaninho de aldeia com descantes ao desafio á beira de uma levada de agua cantante!

TAYLOR

Oah, nonsense! (*prepara um copo de wisky e soda*)

EMILIA

Ai, a minha neta a fazer poesia! Essa phrase é bonita! Com quem aprendeste isso, pequena?

MARY

Com o tio Ricardo. A avó não sabe que o tio Ricardo é poeta?

TAYLOR

Poeta! (*ri com a bôca fechada*) S. Ex.ª poeta!

CARLOS

O tio faz versos? E tambem escreve nos papeis? Deveras? Que talentaço! poeta!

JESSIE

E um poeta encantador, Carlos!

MARY (*desconfiada*)

Ah! acha? acha-o encantador? (*Emilia observa ambas sorrindo*)

TAYLOR (*entre dentes*)

Poeta! poeta de agua doce...

RICARDO (*a Mary*)

Parece que teu pae põe em duvida o meu geito para as rimas!

CARLOS

Qual! o papá ficou encantado com a noticia. É uma honra para a familia! Poeta!

RICARDO

Pois, se põe em duvida, fique sabendo o sr. Taylor que o seu Milton não me chega aos calcanhares.

TAYLOR

Não diga heresias. Já leu Milton?

RICARDO

E você já leu os *Simples*, do Junqueiro?

TAYLOR

Eu não sr.

CARLOS

Nem eu.

TAYLOR

Não tinha mais que fazer! Eu não perco tempo a ler prosa rimada, a ler futilidades.

EMILIA

Meu filho não lê essas futilidades portuguezas, meu querido Ricardo. É por isso que tanto me recommendou a prosa rimada dos *Simples* (*risos*).

CARLOS

Surriada, papá! Forte apanhado!

MARY

Se elle até sabe de cór e salteado aquelles versos da moleirinha enfarinhada tangendo o burrinho russo, toc-toc, pela estrada fóra, toc-toc... Lembra-se, minha avó do lindo jumentinho, tão lindo que até dava vontade de o levar á egreja para o fazer christão? *(a um movimento de Taylor para sair e agarrando-o)* Não, papá. Tem paciencia: agora has-de ouvir os versos do poeta... *(olhando para Jessie)* do poeta encantador. Oh, tio Ricardo! diga aquellas estrophes de hontem.

TAYLOR

Bem: diga lá isso.

RICARDO

Que estrophes?

CARLOS

Tem a palavra o poeta da familia.

MARY

São aquellas que fez ao nome d'ella. Sempre desejaria conhecer essa Ella.

EMILIA *(intencional)*

Para quê, Mary?

MARY *(hesitando)*

Para quê? para... Era para ver se é tão bonita como os versos.

RICARDO

Não é feia.

CARLOS *(a meia voz a Ricardo)*

Aposto que é aquella gorducha com quem esteve hontem a falar. Acertei, tio? Eu sou de segredo.

RICARDO

Cala a bôca...

JESSIE

Como se chama essa senhora, Richard?

MARY

Para que quer saber-lhe o nome, *miss?* Segredo de poeta. Não sabe que os poetas são todos feitos de mysterios? Vamos, tio: guarde lá esse lindo nome, que não me interessa mesmo nada, e recite. Ouve, papá: ouve e pasma. Sentemo-nos.

CARLOS

Silencio, que vae abrir-se a torneira do vate!

RICARDO

Preste attenção, mano Taylor *(recita, affectado).*

«... Ai, o teu nome!
Como eu o digo
E me consola!
Nem uma esmola
Dada a mendigo
Morto de fome!»

JESSIE

Que lindo! «morto de fome!» que lindo! Não acha, sr. Taylor? Está-se mesmo a ver... «morto de fome!»

TAYLOR

Muito bonito! morto de fome é muito bonito! *(a Ricardo)* Mas que descaramento o seu, e que roubo! Isso é do João de Deus!

RICARDO

Exactamente. João de Deus era o meu antigo pseudonymo. *(Emilia ri)*

TAYLOR

Esses versos li eu nas *Flores do Campo!*

MARY E JESSIE

Oh!!!

RICARDO

Ora até que emfim! Com que então leu as *Flores do Campo?* Confessa que lê poetas portuguezes? que lê prosa rimada?

TAYLOR

E então? Leio, sim sr. Leio para poder comparar todos os poetastros de cá com os grandes auctores inglezes.

CARLOS

Não appoiado, papá!

JESSIE

Eu acho os versos agora menos bonitos.

MARY *(a Ricardo)*

Então os versos não são seus? Ainda bem!

EMILIA *(intencional)*

Porque, Mary? Ainda bem porque?

MARY

Ainda bem. Eu não disse «ainda bem!» Disse... «muito bem!» como quem diz... «fico sabendo que faltou á verdade». Percebeu, minha avó? Pois foi...

EMILIA

Percebi, percebi... *(outro tom)* Pois, meu querido Ricardo, lamento sinceramente que não seja poeta. Iria comnosco para a quinta de Torres Novas. E' tão lindo o campo n'este mez de agosto, e andam á solta por lá tantas musas em busca de vates! Vê? que pena! Se fosse poeta, iria comnosco ao encontro da inspiração, que a ha á farta nos pinheiraes dos cabeços, nas cantigas das cachopas, nas aguas cantantes do Almonda... *(olhando ás furtadellas para Mary)* Mas o Ricardo não é poeta e por isso prefere a Inglaterra, para onde o chamam outros attractivos, á serenidade campestre do nosso lindo Portugal... *(Taylor ouve, inquieto, estas palavras: Mary, muito surprehendida, olha ora para Emilia, ora para Ricardo: Jessie levanta-se: um silencio)* Vá, meu amigo, vá para Londres *(Carlos mostra-se radiante).*

TAYLOR *(levantando-se)*

Para Londres?!

MARY

Para Londres?! *(Nelson apparece ao F e detem-se olhando admirado para o grupo)*

JESSIE *(n'um desanimo)*

Vae para Londres?!

NELSON *(alegre)*

Oah! (Olham-se todos, inquietos: Emilia examina sorrindo cada um de por si: uma pausa)

CARLOS

Oh, tio amigo! Se quer que eu o proclame o rei dos tios, leve-me comsigo... mesmo em terceira classe. Leva?

RICARDO

Levo.

CARLOS *(parodiando os outros, comicamente)*

Vae para Londres?!

EMILIA

Vae. Recebeu um telegramma urgente. Quando parte, Ricardo?

RICARDO

Por estes dias.

TAYLOR, MARY E JESSIE

Por estes dias?!

NELSON *(esfregando as mãos)*

Good! (um silencio)

TAYLOR *(vae á meza, esgota o copo de um trago, dá dois passos para Ricardo e estaca)*

Não faz cá falta nenhuma! *(Volta costas e sae pela D B)*

MARY *(passando junto de Ricardo, olha-o de alto e de lado e pára um instante)*

Boa viagem! *(sae pela E A)*

JESSIE *(passando em frente de Ricardo, muito direita e sem olhar para elle)*

All right! (sae pela D A)

CARLOS *(seguindo Jessie, e comicamente a Ricardo)*

Homem ingrato que assim me deixas consternado... de alegria! E safo-me... *(sae atraz de Jessie)*

NELSON *(vem, presuroso, apertar a mão de Ricardo)*

My dear friend! (levando-lhe a mão ao coração) Oah, my dear friend! (sae, radiante pelo F.: Emilia ri)

SCENA II

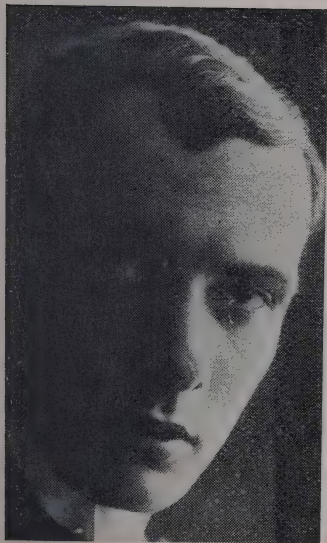
Emilia e Ricardo. Depois Manuel.

RICARDO *(que seguiu tudo isto com surpreza crescente)*

Que bicho mordeu em toda esta gente?! E aquelle?

EMILIA

Aquelle é de todos o unico que deseja vêl-o a cem leguas de Portugal.

HELENA DE CASTRO
(*Miss Jessie Johnson*)

CLEMENTE PINTO
(*Carlos*)

JOAQUIM DE OLIVEIRA
(*Braz*)

RICARDO

Ver-me a cem leguas de Portugal? Porque motivo?

EMILIA

Porque motivo? Que pergunta, meu amigo! Porque tem ciumes. Não sabe que o Nelson tem ciumes do proprio vento?

RICARDO

Ciumes? de mim?!

EMILIA

Ciumes de toda a gente. *(pausa)* E' um rival de menos.

RICARDO

Rival? Então aquelle parvo suppõe...?

EMILIA

Suppõe, sim sr. Suppõe... como eu supporia...

RICARDO

Ora, minha querida senhora...! Podia lá passar-me pela cabeça...! E' uma verdadeira creança... *(hesitante)* a Mary...

EMILIA *(sorrindo)*

E' uma verdadeira creança, é. Tem apenas dezoito annos.

RICARDO *(pausa, olhando, muito admirado, para Emilia)*

É verdade... Nunca tinha reparado: tem já dezoito annos...

EMILIA

Nunca tinha reparado? Os homens nunca reparam. E um bello dia ficam muito surprehendidos quando, da creança que se habituaram a ver embalando bonecas, surge a mulher que sonha, a mulher que aspira, a mulher que pensa, a mulher... mulher. (*pausa*) Pois tem já dezoito annos a minha neta... Quantos tem, Ricardo?

RICARDO

Eu? Trinta... Estou velho... (*pausa*) Não acha? (*a um gesto vago de Emilia, e inquieto*) A D. Emilia acha que estou velho?

EMILIA

Velho, velho... não direi. Madurinho, madurinho...

RICARDO (*sentindo-se pouco á vontade*)

Madurinho?! Ora essa!

EMILIA

É a ordem do mundo. Tudo envelhece, meu querido amigo. Todos nós envelhecemos. Ora veja os meus cabellos brancos. Já foram negros, e eu já fui, no dizer dos moços do meu tempo, uma rapariga de truz. Onde isso vae! Agora... cabellos brancos... cabellos brancos e o bordão da saudade—o sonhar dos que já não sonham. (*absorta*) Agora... agora cá estou a rever-me no passado, que é o presente dos velhos... como nós.

RICARDO

Como nós, D. Emilia?!

EMILIA *(fingindo não o ouvir)*

Trinta annos... a edade da transição... o principio do declive resvaladiço que leva longe. E, dado o primeiro passo, já se não retrocede... *(pausa)* Meu querido Ricardo, se não quer deslisar sósinho pelo tal plano inclinado, não tem tempo a perder: arranje um corrimão. E' conselho de uma bôa amiga. Depois talvez seja tarde. Agora vá, vá fazer as malas.

RICARDO

Eu não parto hoje, D. Emilia.

EMILIA

Não importa: vá fazer as malas.

RICARDO

Então a D. Emilia julga que aos trinta...?

EMILIA

Não julgo nada. Vá espairecer no jardim, vá. Já falei de mais em coisas profanas e agora preciso de retemperar a alma lendo o meu Jacob *(pega na Biblia e toca um timbre)*.

RICARDO

Está bem. Obedeço. Mas... sabe o que eu penso?

EMILIA

Não, meu amigo. Não quero saber. Olhe: quer um conselho? e é o segundo que lhe dou. Não pense. Quando se entra na casa dos trinta não se pensa: resolve-se.

RICARDO

Tem razão: resolve-se. É o que eu faço: resolvo ir para Londres *(beija-lhe a mão: depois, ao passar pelo espelho, mira-se n'elle, satisfeito)* O principio do declive? Ora temos conversado! *(sae pelo F).*

EMILIA *(seguindo-o com o olhar)*

Bôa terra, *(entra da D A Manuel)* bôa terra! Só falta a semente *(vendo Manuel)* Ah, Manuel! o meu chá, sim? *(Manuel faz uma reverencia e sae pela D A: Emilia fecha o livro, levanta-se e encaminha-se para a porta da E A por onde Mary saiu)* Minha neta... *(volta a sentar-se)* Ou eu me engano muito, ou no prefacio do livro que ahi vem ha que ler *(tirando os oculos)* Ora vamos ver se eu saberei ler mesmo sem oculos... *(pega no livro, que finge ler).*

SCENA III

Emilia e Mary. Depois Manuel

MARY *(entrando, e n'um grande desprendimento muito affectado)*

Ah! está só, minha avó?

EMILIA

Creio que sim.

MARY *(vae ao F, olha para todos os lados do jardim, pondo-se nos bicos dos pés, e depois desce)*

Sua Ex.ª já embarcaria?

EMILIA

Creio que não (*Mary anda de um lado para outro, senta-se, levanta-se logo, folheia um livro, que fecha de repellão, pega no jornal que Ricardo lia na primeira scena e arroja-o para longe: Emilia observa-a sorrindo)* Que andas tu por ahi a cirandar? Perdeste alguma coisa?

MARY

Eu? Ah... O meu Dickens.

EMILIA

O teu Dickens? Olha... ali... (*indica-lhe o livro que estará sobre o piano: Mary pega n'elle, senta-se, põe-o nos joelhos e tamborila sobre elle: um silencio*)

MARY

Obrigada.

EMILIA

Mary! (*Mary não responde*) Mary!!

MARY

Ah! minha avó...

EMILIA

Vem cá. Senta-te aqui... ahi, na minha frente (*pausa*). Estás doente, filha? Doe-te alguma coisa?

MARY

Não me dóe nada, avó.

EMILIA

Não dizes a verdade. Vamos: tu que tens?

MARY

Não tenho nada, minha avó: nervos.

EMILIA

Nervos?! já? Isso é um bom symptoma. Julguei que fosse coisa peior.

MARY

Bom symptoma? symptoma de quê?

EMILIA

De uma doença sem grande perigo. É enfermidade que se cura depressa. Tambem eu já tive d'isso... E que saudades me ficaram d'esses formosos sonhos sem pés nem cabeça!

MARY

Sonhos, avó?

EMILIA

Não. Nervos. Enganei-me. Hoje dão esse nome ao andaço. Nos meus tempos de solteira—como elles vão longe!—nos meus tempos de solteira não havia nervos. As raparigas de então eram muito ignorantes. Inquietações, mal estar, sobresaltos, um constante rebentar de primavera... Mas vinha um especialista em coisas de coração, receitava e... era uma vez a lesão cardiaca e isso... os nervos.

MARY

Que quer a avó dizer? Não entendo.

EMILIA

Quero dizer que tu tambem has-de ter um especialista e uma receita aviada na grande pharmacia do casamento. Entendeste agora?

MARY

Então a avósinha suppõe..?

EMILIA

Que estejas apaixonada pelo homem das suissas amarellas?

MARY

Credo, avó!

EMILIA

Emfim, que estejas apaixonada? Não, filha. O que eu supponho é que te encontres á beira d'esse abysmo que tão lindo é.

MARY

No qual abysmo a sua neta não se despenhará, creia.

EMILIA

Creio, creio. Creio que não te despenharás... sósinha, mas de braço dado e fechando os olhos, como eu fiz com teu avô. Com o homem que se ama, filha, até para o inferno.

MARY

Mas, minha avó, eu não gosto de ninguem...

EMILIA

Não gostas? Tu que sabes? Um coração que desperta quasi nem dá por isso. O amor que mal

se esboça é como que uma aurora que ainda não é aurora e já não é treva: é um anciar vago, sem objectivo quasi. O amor que nasce, filha, nem sabe que o é. Nós somos como o girasol que se volta para o nascente ainda antes de vir o sol. O girasol espera a luz como os corações esperam o calor de um olhar... (*outro tom*) Olha: ahi vem teu tio, o sol de *miss* Jessie.

MARY (*levantando-se precipitadamente*)

Ah! é o sol d'ella?! Pois não quero ver esse sol de inverno! (*sae pela E A*).

EMILIA (*segue-a, sorrindo, com os olhos*)

Ora digam-me se o querem mais claro... Bôa semente, bôa semente... Só falta a terra... Ah, minha mocidade, minha mocidade! (*levanta-se*).

MANUEL (*entrando da D A com o serviço do chá*)

V. Ex.ª toma o seu chá aqui?

EMILIA

Não. N'este gabinete (*entra á E B, seguida por Manuel*)

SCENA IV

Ricardo e Rosa. Depois Manuel

RICARDO (*entra do F e senta-se: a Rosa que o segue fica ao F*)

Pode entrar, Rosa.

ROSA (*descendo*)

Com licença de V. Ex.ª.

RICARDO

Vamos então desfiar essa meada. Quando deveria ser o casamento?

ROSA

Estava marcado para o mez que vem, meu senhor.

RICARDO

Mas meu cunhado não lhe prometteu ser padrinho?

ROSA

Saiba V. Ex.ª que sim. Até prometteu que a menina seria a madrinha. Eu estava tão contente! Ora eu fui agora pedir-lhe para dizer o dia, mas o sr. Taylor respondeu-me com muito máu modo que não contasse com elle. Até tive vontade de chorar, veja lá. Vae elle então disse-me assim, diz: «Não chore, sua estupida, que não fica á porta da egreja. Padrinhos não faltam. Vá pedir...» Ai! não sei se diga...

RICARDO

Adivinho... mas diga sempre.

ROSA

...«Vá pedir ao... ao maluco do Ricardo»... Desculpe V. Ex.ª «...Elle que faça o sacrificio de mais um mez...» É por isso que eu venho pedir a V. Ex.ª para tomar o logar do sr. Taylor (*apparece Manuel á E B*).

RICARDO (*n'um meio riso*)

Mais um mez? Está bem. (*pausa*) Eu pensarei, Rosa, eu pensarei. Pode ir.

ROSA (*fazendo uma mesura*)

Muito obrigada a V. Ex.ª (*sae*)

RICARDO (*que continua rindo, vae ao espelho e contempla-se: vendo Manuel refletido no espelho*)

Quer alguma coisa, Manuel?

MANUEL

Se V. Ex.ª dá licença, eu desejava...

RICARDO

Diga.

MANUEL

Desejava fazer uma pergunta...

RICARDO (*voltando-se: pausa*)

Pois não (*vae sentar-se*). Pergunte, sr. Manuel.

MANUEL

Então lá vae. V. Ex.ª sempre volta para Londres?

RICARDO

Ah! já lá chegou a noticia? Volto. E então?

MANUEL

Então... eu... se V. Ex.ª não leva a mal, vinha pedir a V. Ex.ª para procurar outro creado.

RICARDO

Deixa o meu serviço, sr. Manuel?

MANUEL

Tenho muita pena, mas deixo.

RICARDO

Está no seu direito, sr. Manuel. Arranjou já outro amo?

MANUEL

Não, sr. Não arranjei ainda.

RICARDO

Tem por certo um motivo grave para me deixar?

MANUEL

Muito grave, meu senhor.

RICARDO

Pode-se saber qual é esse motivo?

MANUEL

Pois não. Saberá V. Ex.ª que eu tenho já trinta annos e penso em casar-me.

RICARDO

É uma asneira acertada. Já tem noiva?

MANUEL

Ainda não tenho, não sr. Mas vou procurar. Porque... (*como se repetisse um recado estudado*) porque... como o outro que diz... os trinta annos é o principio do declive...

RICARDO

Anh!? que é que diz??

MANUEL

Aos trinta annos começa-se a envelhecer, e, se eu tenho de descer pelo tal declive, ao menos que seja acompanhado, porque depois talvez seja tarde...

RICARDO

Ah, D. Emilia, D. Emilia!

MANUEL

Eu ainda tenho outro motivo, saberá V. Ex.ª É... é que tenho medo de ir para Londres por causa das bexigas.

RICARDO

Por causa das bexigas?!

MANUEL

Diz que ha lá agora uma epidemia que matou metade da cidade. Veiu telegramma...

RICARDO

O sr. Manuel leu isso do telegramma?

MANUEL

Nada, não sr. Eu não sei ler. O sr. Taylor é que foi: devo-lhe esse favor. Foi elle que me disse ainda não ha cinco minutos.

RICARDO

Ah! foi meu cunhado?

MANUEL

Foi elle, foi. Quem me avisa meu amigo é. E eu, se fosse V. Ex.ª, ia-me deixando ficar por cá. Sempre é a nossa terra, meu senhor.

RICARDO

Está bem. Eu pensarei. Agora pode ir, sr. Manuel (*Manuel sae D pela A: pausa*) De um lado a Rosa que pede um mez... do outro a ameaça das bexigas... do outro o declive... do outro a Mary e o corrimão... (*um silencio*) Ora adeus! Posso lá pensar n'estas tolices na minha edade! Juizo, Ricardo, juizo! (*pausa*) Está decidido: vou comprar a passagem (*sae pelo F*)

SCENA V

Taylor. Depois Ricardo

(*Mal Ricardo sae entra Taylor, que fica um momento a olhar para o lado por onde elle saiu: hesita um pouco e depois vae ao telephone*)

TAYLOR

Royal Mail... (*pausa*) É *Royal Mail*? *When is the Amazon coming? What?* Que grande estupido! Uma agencia ingleza com empregados que só falam portuguez! Estupido, sim sr. Han? Sou o Taylor. O Taylor... isso. Bem. Está desculpado. Ah! é o sr. Fonseca? Han? Está aprendendo inglez? Já o devia saber! Han? Já vae nos verbos irregulares? Han! Arrevezados?! Então o sr. chama arrevezados aos verbos

inglezes! que falta de respeito! Arrevezados! ora essa! *I bring... I brought...* Pois ha nada mais racional? Bem, bem. Quando chega o *Amazon*? Han... Ha logar? quantos? Han? Quinze? Bem: tomo todos (*pausa*) Que tem o sr. com isso? Tomo todos, sim sr. E pode mandar cobrar. E a dar-lhe! Tomo todos, já lhe disse... Bem... Adeus... (*entra Ricardo do F*).

RICARDO (*descendo*)

As minhas luvas... (*pega nas luvas que terá deixado algures e dirige-se para o F*) Até logo, mano.

TAYLOR (*com muita indifferença*)

Então você sempre volta para Inglaterra?

RICARDO

Volto.

TAYLOR

Porquê?

RICARDO

Olhem que pergunta! Porquê? Posso lá viver n'este paiz rocócó!

TAYLOR (*n'uma explosão*)

Que tem que dizer do paiz, faz favor de me explicar?! Falta-lhe alguma coisa?

RICARDO

Falta-me ar. Estou atacado de *spleen*.

TAYLOR

Ah! tambem se permitte o luxo d'essa bonita moda ingleza?! Já me tardava isso!

RICARDO

Tenho a nostalgia dos centros ruidosos, com movimento, com equipagens ricas, com mulheres vaporosas. Digam o que disserem Londres ha-de ser sempre a cidade ideal com todas as suas grandezas, com todos os seus deslumbramentos...

TAYLOR

E com todas as suas miserias, e com todas as suas epidemias...

RICARDO

De bexigas, bem sei. Pois por isso mesmo. Esta aldeia com pretensões não me serve. Esta cidade de marmore fingido está abaixo de tudo (*começa a calçar uma luva*).

TAYLOR

Forte mania de dizer mal da terra em que nasceu!

RICARDO

E você não a põe constantemente pelas ruas da amargura?

TAYLOR

Eu sou inglez. Você é que não tem esse direito. Aposto que é correspondente de algum papel inglez, d'esses que escrevem baboseiras a respeito de Portugal. Só me faltava saber isso! Se assim fosse, esquecia-me do nosso parentesco...

RICARDO

E da nossa amizade, accrescente...

TAYLOR

Está redondamente enganado. Eu não sou seu amigo.

RICARDO

...e ia denunciar-me á policia...

TAYLOR

Sim sr.

RICARDO

...para me pôrem na fronteira.

TAYLOR

Sim sr.

RICARDO

Oh, Taylor! você é socio da Propaganda de Portugal?

TAYLOR

Não é da sua conta. E que seja? Tem alguma coisa a dizer contra ella? Veja lá se na sua *decantada Londres* ha coisa parecida. Sempre a encher a bôca com as *bellezas de Londres*!

RICARDO

Quer que eu morra de amores pela Avenida, pelos passeios ás hortas, pelos *five-o-clock* em exposição de botequins, pela lama do Chiado! Pois você não vê que em Lisboa não ha nada que preste, nem ao menos um alfaiate?

TAYLOR

Se tivesse olhos não dizia essa tolice que é uma injustiça. Já foi ali abaixo ao 33? Pois vá.

MARIA DO PILAR
(Rosa)

CARLOS SHORE
(Antonio Teixeira)

CARLOS DE SOUSA
(Manuel)

É o primeiro! é um dos primeiros!! é um dos muitos primeiros!!! E barato: duzentos e cincoenta mil reis...

RICARDO

Será barato, será. Pudera! um alfaiate de escada. Tudo alfaiates de escada. É por isso que os homens vestem mal. E as mulheres vestem peior ainda.

TAYLOR

Você que entende d'isso? Percebe alguma coisa de mulheres? Se lhe parece, calumnie tambem a mulher portugueza! Talvez vistam melhor os seus desengonçados manequins de Regent-Street! Tem alguma coisa a dizer de sua sobrinha?

RICARDO

A Mary... Oh! a Mary não vem para o caso. A Mary é uma excepção: é ingleza.

TAYLOR

Está enganado: é portugueza e bem portugueza!

RICARDO

Ah! a Mary mudou de nacionalidade!

TAYLOR

Olhe... sabe que mais? mais nada. Espatrie-se outra vez, se quizer, que não deixa saudades nenhumas. Case-se lá por fóra com uma ingleza esgrouviada, e esqueça-se... de nós.

RICARDO

Casar-me?! Eu?! Essa nunca você verá. Trocar a minha liberdade por um espartilho! Transformar-me n'um cabide como você! Ah, não!

TAYLOR

Cabide?! como cabide?

RICARDO

Ainda hontem, á saida do Gymnasio, você parecia um ferro-velho carregado de capas, de *boas*, de véus, de rendas. Não era um pae de familia: era um guarda-vestidos.

TAYLOR

Maluco!

RICARDO

Aturar uma mulher? Ah, não, meu caro! Essa profissão é boa para você que nunca foi solteiro.

TAYLOR

Casei-me aos vinte e cinco annos, fique sabendo!

RICARDO

Nunca foi solteiro, repito. Ora metta a mão na consciencia e responda sem pensar. Você nunca teve uma amante!

TAYLOR

Oah, shoking!

RICARDO

Tenho a certeza. Nunca teve...

TAYLOR

Pois está enganado. Tive... tive dez! tive vinte!! tive cem!!! tive muitas!!!! (*Ricardo ri*) Deus me perdoe, o senhor faz perder a paciencia a um santo!

RICARDO

Cem amantes! E eu a julgar que o meu querido cunhado, o austero senhor Taylor, era um modelo de virtudes, um José puro como as onze mil virgens! E afinal é, como todos os inglezes, um hypocrita!

TAYLOR

Ah! os inglezes são hypocritas! Ah! eu sou um hypocrita! Pois você é... é portuguez e basta! (*sae como um furacão pela D B: apparece Mary á E A*).

SCENA VI

Mary e Ricardo. Depois Emilia. Depois Taylor. Depois Jessie. Depois Nelson

RICARDO

Venha cá, homem de Deus! E lá vae como um foguete! (*pausa: enternecido*) Meu querido Taylor!

MARY

Ah! S. Ex.ª ainda em terra!? Julguei que já estivesse a bordo.

RICARDO (*calçando a outra luva e sem se voltar*)

Máu, máu! És tu, Mary?

MARY (*arremedando-o*)

És tu, Mary? Pois quem havia de ser? O girasol?

RICARDO (*voltando-se*)

Han?!

MARY

Nada... (*vendo as luvas*) Ah! vae sair?

RICARDO

Vou á Mala Real.

MARY

É desnecessario. A Mala Real não abre ao domingo. Não sabe que hoje é domingo?

RICARDO

Sei. Mas a agencia está aberta. Chegou paquete.

MARY

E que tem o tio que ver com os barcos que chegam? Vae comprar a passagem, não é assim? (*pondo-se em frente d'elle*) E eu?

RICARDO

Tu? tu quê?

MARY

Eu, sim sr. Então não se conta comigo? Então o tio julga que tem o direito de nos deixar assim sem mais nem menos? N'esta casa todos o amam: o papá que se deixou enfeitiçar —tambem não sei porquê!—a avó que até parece outra, o Carlos... até a Rosa!

RICARDO

E tu?

MARY

Eu não sr. Chega a Lisboa, installa-se, habitúa-nos á sua companhia, transforma todo o nosso viver pacato, obriga o papá a mudar de habitos—elle que nunca saía á noite e que anda agora n'um corropio de divertimentos— torna a avó mais alegre, faz de mim uma rapariga de juizo, e um bello dia elle ahi vae... (*meio chorosa progressivamente*).

RICARDO (*bebendo-lhe as palavras n'um enlevo, e depois de um silencio*)

Eu não faço falta a ninguem, Mary.

MARY

Quem foi que lhe disse que não faz falta?

RICARDO

Não faço, não. Teu pae tem o vicio das contas correntes. Tua avó tem-te a ti. O Carlos tem o *foot-ball*: raras vezes se lhe põe a vista em cima. A Rosa tem um noivo. Tu tens o teu inglez maniaco.

MARY (*n'uma revaivinha*)

E o tio tem em Londres alguma ingleza feia, toda feita de angulos agudos. Vamos, confesse. Mas, se isso é verdade, case-se, constitua familia, dê-me uma tia. Ha-de ser de appetite essa tia-espeto, essa tia antes do chocolate! Estou a vêl-a de aqui, muito loira, muito delgadinha, muito decotada, a ler romances e a comer *sandwiches* (*começa a descalçar-lhe uma luva: e elle deixa*). Que mais gosto, tio! Preferia vêl-o casado com uma portugueza. O tio não sabe que as inglezas são anemias pintadas a carmim e que envelhecem antes de tempo? Ponha os olhos na avó. É verdade que é filha de inglezes, mas nasceu cá. Com os seus sessenta e dois faz inveja a uma rapariga. O tio tem muito por onde escolher. Arranje uma noiva bonita, sadia, morena...

RICARDO

E onde se encontram essas raridades?

MARY

Procure.

RICARDO

Uma noiva bonita, sadia, morena... (*pausa*) como tu?

MARY

Como eu, sim sr., mas bonita.

RICARDO (*dando-lhe a descalçar a outra luva*)

Ninguem me quer, Mary... Estou velho... (*pausa*) Não te parece que estou velho?

Mary (*mirando-o de alto a baixo*)

É verdade, tio... Mas ainda está em bom uso.

Ricardo (*desconsolado*)

Estou em bom uso, han? Obrigado.

Mary

Não ha de quê.

Ricardo (*pausa*)

Aconselhas-me então a que me case com a primeira boneca que appareça? E o amor?

Mary

O amor? Ora...

Ricardo

O amor, sim. Casamento sem amor é como peixe sem sal...

Mary

Que infeliz comparação, tio!

Ricardo

... uma especie de meia dieta receitada pela egreja.

Mary

N'esse caso ame primeiro. É tão facil! (*mette-lhe as luvas no bolso e compõe-lhe a gravata*)

Ricardo

Ah! é facil? Já amaste, tu?

MARY

Já, sim sr... isto é... creio que não... Olhe, tio, não sei ao certo. Já experimentei duas vezes, mas o thermometro não accusou nada.

RICARDO

O thermometro?!

MARY

É a opinião da girasol. Diz ella que quando se ama o sangue aquece, o coração bate rijo e vem febre. Eu então metti o thermometro. Mas fiquei na mesma. Nunca passei dos 37 (*á porta da E B apparece Emilia*)

RICARDO (*fica um momento a olhar para Mary, corre a mão pelos olhos, recúa um passo e murmura:*)

Tem juizo, Ricardo! tem juizo...

MARY (*chegando-se muito a Ricardo*)

Ai, tio! que tem?! Está incommodado?!

RICARDO

Não me toques, pequena... não me toques! (*á porta da D B apparece Taylor, muito carrancudo*)

MARY

Porquê?

RICARDO

Porquê? porque... Podes lá comprehender isto! (*á porta da D A apparece Jessie: Ricardo arreda Mary com a mão, mas attrae-a logo a*

si, olha-a nos olhos e diz depois de uma pausa:) Queres então... que eu fique?

MARY

Isso é pergunta que se faça? (*ao F apparece Nelson, risonho, com um grande ramo de flores*).

RICARDO

Está bem. Dou-te mais um mez. Fico (*Emilia sorri: a cara de Taylor desanuvia-se: Jessie ergue os olhos ao céu: Nelson carrega o sobrolho*)

MARY

Fica, tio? Deveras!

RICARDO

Fico.

MARY

Ai, meu rico tio da minha alma! (*abraça-o e beija-o, effusiva*).

NELSON (*deixando cair o ramo de flores*)

Oah! Shoking!

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III

Terreiro e jardim que se prolonga para a D. A' E e parte do F portas de vidraça, praticaveis para o interior da casa de campo, erguida de alguns degraus. Dentro de casa vê-se parte da mobilia e uma secretaria. Ao F portão da quinta e gradeamento de ferro. Longe uma ponte sobre o rio. Em plano recuado um aspecto de Torres Novas. Em scena cadeiras e mezas de jardim. Sobre uma meza, uma jarra com flores.

SCENA I

Rosa, limpando o pó. Depois Francisco. Depois Procopio. Depois Carlos

FRANCISCO (*ao portão do F*)

Correio!

ROSA

Ah! é vocemecê, sr. Francisco!

FRANCISCO

Bom dia, menina Rosa! Está boa como parece?

ROSA

Vae-se vivendo como Deus é servido. E lá por casa?

FRANCISCO

Quando mal nunca peior.

ROSA

Veiu hoje muito cedo! Não é costume.

FRANCISCO

Pouco serviço.

ROSA

Traz alguma coisa para mim?

FRANCISCO

Nada. Só uns jornaes e esta carta para o seu patrão. E gorda que ella é! Ora veja. O sr. Taylor já terá com que se entreter toda a semana.

ROSA

Fique entregue.

FRANCISCO

Até mais ver (*sae pelo F*)

ROSA

Até outro dia (*tomando o peso á carta*) E pesa! (*chamando á D*) Oh, sr...! Nunca me lembro do nome d'este homem! Oh, sr. Jardineiro!

PROCOPIO (*fóra*)

Quanto quer d'elle?

ROSA

Venha cá. (*Procopio entra*) Como é que vocemecê se chama?

PROCOPIO

Ainda não aprendeu? Eu cá sou Procopio.

ROSA

Tem um nome tão exquisito!

PROCOPIO

Nem todos podem ter nomes bonitos como o seu.

ROSA

Deveras? acha bonito?

PROCOPIO

E mais bonito havia de ser se a gente lhe ajuntasse o meu. Isso é que elle era! A Rosa do Procopio! Dava que falar!

ROSA

Não quero brincadeiras d'essas, ouviu? Vá arrastar a aza ás do seu panno. A outra porta que aqui não ha pão partido. E basta de conversa. Então não querem lá ver!

PROCOPIO

Desculpe se a offendi, menina Rosa.

ROSA

Está desculpado. Agora leve esta carta e estes jornaes ao sr. Taylor.

PROCOPIO

O pae, ou o filho!

ROSA

O pae. Bem sabe que o menino Carlos saiu ha muito tempo.

PROCOPIO

Tem certeza d'isso?

ROSA

Toda. Quando me levantei, e eu levanto-me cedo, já elle tinha saido.

PROCOPIO

Já tinha saido, ou ainda não tinha entrado?

ROSA

Lá vem vocemecê outra vez com a mesma endrómina! O menino Carlos não é d'esses. É muito bem comportado.

PROCOPIO

Muito! Ora oiça lá: hontem, havia de ser ahi meia noite...

ROSA

Não quero saber de contos. Metta-se com a sua vida e não ande a levantar aleives.

PROCOPIO

Não são aleives, creatura de Deus. Vi eu com estes olhos que não se cançam de ver a menina Rosa.

ROSA

Outra vez! Máu, máu! Pois se viu, cale-se. Que tem vocemecê que elle entre ou saia? Vamos: leve isso ao sr. Taylor que anda acolá no pomar.

PROCOPIO

A menina Rosa não é curiosa?! Pois olhe que admiro n'uma mulher!

ROSA

Ainda ahi está?! despache-se, homem!

PROCOPIO (*saíndo*)

Não é curiosa... Ora o diacho!

ROSA

Não querem lá ver o atrevimento! (*pausa*) Que, verdade, verdade... a cama do menino Carlos (*Carlos assoma ao F e desce*) apparece todas as manhãs muito direitinha, como se ninguem tivesse dormido n'ella...

CARLOS

Muito intelligente é esta Rosa! Sou eu que a faço, excellentissima serva e snr.ª D. Rosa.

ROSA

Ah! é V. Ex.ª?

CARLOS

Sim: é a minha excellencia que tem muito geito para fazer camas.

ROSA

Então sempre é verdade? O menino agora é que recolhe?!

CARLOS

Isso: põe de parte a Ex.ª e chama-me menino. Menino remoça-me.

ROSA

Deveras? passou a noite fóra?! Ora não ha!

CARLOS

Que queria a D. Rosa que eu fizesse em casa ás noites? Dormir? As noites em casa são para as gallinhas e para os burguezes que resonam. Resonar é prosaico: sabias?

ROSA

Não sabia, não snr.

CARLOS

Os eleitos como eu, Rosa Tyranna, não dormem: sonham, bem acordados e de braço dado com as feiticeiras que vagueiam por estas redondezas.

ROSA

Com bruxas, menino?! Cruzes! abrenuncio! De braço dado com as bruxas!

CARLOS

Com as bruxas, sim, oh Rosa ingenua. Com uma sobretudo, chamada Julieta, estonteante como a outra Julieta da lenda. Tu não conheceste a Julieta do Romeu?

ROSA

Não, menino.

CARLOS

Nem conheces a outra?

ROSA

Não, menino.

CARLOS

É uma que tem uns olhos de trevas, a pelle

quente das soalheiras e a ventura suprema de não saber ler. Tu sabes ler, Rosa?

ROSA

Sei, sim, menino.

CARLOS

Não sabes tal. E dá graças a Deus por não teres essa prenda. Quando um dia te deres a alguem dormirás as noites de um somno, não terás febre e não lerás missivas de fogo que outras Rosas escrevam ao teu mais que tudo *(accende um charuto)*.

ROSA

Em que estado elle vem! pobre menino! Mas é a primeira vez... lá isso é.

CARLOS

Adeus, Rosa perspicaz. Vou desinfectar a alma... e o corpo *(entra em casa)*.

ROSA

Ora vão lá entender os homens quando estão com a bebida! *(olhando para a D)* O patrão! *(sae pelo F)*.

SCENA II

Taylor. Depois Johnson. Depois Jessie.

(Pouco depois da saida de Rosa entra Taylor da D, lendo uns papeis e vem sen-

tar-se a uma das mezas. Instantes depois entra Johnson pelo F).

JOHNSON

Bom dia, amigo Taylor.

TAYLOR

Bom dia, Johnson. Já de volta?

JOHNSON

É verdade: já de volta. Pudêra! Se aqui não ha para onde ir! A villa não tem nada que ver. Os panoramas são todos íguaes uns aos outros.

TAYLOR

Deveras?! todos iguaes?!

JOHNSON

Todos iguaes, sim snr. Para qualquer parte que me volte vejo sempre as mesmas oliveiras gretadas, os mesmos cerros anões, as mesmas couves (*pausa: impaciencia de Taylor*). Oh, Taylor! como é que você se lembrou de comprar esta quintarola...

TAYLOR

Quintarola?!

JOHNSON

...em Torres Novas, quasi no fim do mundo?

TAYLOR

Han?! quasi no fim do mundo?!

JOHNSON

E que estradas esburacadas! tudo em altos e baixos... Um horror!

TAYLOR

Não diga asneiras. Um horror? Isto é um cantinho do céu. Ha lá nada que se pareça com este retiro no seu paiz de carvão de pedra, uma coisa que suja a gente?

JOHNSON

A sua quinta é bonitinha, é.

TAYLOR

Então só a quinta é que é bonitinha? Bonitinha! Que amavel diminutivo! Onde é que você viu terra mais linda e lavada de ares, e de mais a mais com um rio em cascatas que a atravessa?

JOHNSON

Um rio? Upa, upa, amigo Taylor! Um Niagara de provincia é que é!

TAYLOR

Tomára você este Niagara lá na sua rua dos Capellistas com os seus melros e rouxinoes!

JOHNSON

Sae a gente de casa a espairecer, e que encontra? meia duzia de pinheiros tisicos, tapetes de caruma, esteva, mattagaes e uma ribeirinha a fingir que corre.

TAYLOR

E a dar-lhe! É um crime chamar ribeirinha ao Almonda, que no tempo dos moiros já era um grande rio. Então que nome merece o seu Tamisa de agua turva? Isto é uma região abençoada que tem tudo: o bom figo, a bôa uva, a boa azeitona, frescura de sombras, revoadas de passaros que cantam, ceáras a perder de vista...

JOHNSON

E umas cachopas de se lhes tirar o chapéu, accrescente.

TAYLOR

Lá vem a libertinagem! Já me tardava.

JOHNSON

Se visse o que eu vi hontem! Você hontem preferiu ficar a admirar o tal casamento de aldeia com gentes em mangas de camisa. Bom gosto, não ha duvida! Pois perdeu por não ir comigo assistir á apanha da azeitona. Havia lá tres cachopitas que eram como tres morangos— um pouco tostadas do sol, mas morangos. Todas tres de um moreno afogueado, muito roliças, e uns olhos pestanudos que até faziam sombra no chão! Nos meus tempos de solteiro...

TAYLOR

Cale a bôca! Você nunca foi solteiro.

JOHNSON

Fui, fui: principalmente depois de casado.

TAYLOR *(indignado)*

Então você atraiçoava sua mulher?! Que

differença ha entre duas mulheres, não me dirá?

JOHNSON

Homem, essa! Isso é pergunta de cabo de esquadra. Que differença? Duas mulheres são como dois livros. Para saber o que os livros têm dentro é preciso abril-os, saboreal-os e ajuizar depois. Para ler as mulheres...

TAYLOR

É preciso abril-as talvez?

JOHNSON

Não, homem: lêem-se mesmo por fóra.

TAYLOR

Parece-me que o ar dos pinhaes lhe deu volta ao miolo, como já deu ao Ricardo: a esse então deu-lhe para tristezas. Pois tome cuidado com essas coisas roliças que andam na apanha da azeitona, porque se arrisca á apanha de uma sova.

JOHNSON

Não ha perigo, amigo Taylor. Eu estou no caso do musico velho, sabe? Ficou-me o gosto e o compasso, mas a respeito de execução...

TAYLOR

Cale-se! tenha vergonha! Sua sobrinha... (*Jessie sae de casa*).

JESSIE

Tio, quer ir comigo lá abaixo á beira do rio?

TAYLOR

Bom dia, *miss* Jessie.

JESSIE

Bom dia, sr. Taylor. Já lhe falei hoje, mas estava tão enlevado a ver seu cunhado quando elle descia a ladeira...!

TAYLOR

Enlevado?! Eu não sou de enlevos, *miss*.

JESSIE

Nem me ouviu dar-lhe os parabens pelos annos da Mary!

TAYLOR

Obrigado, muito obrigado! Pois não ouvi, creia.

JOHNSON

É verdade. Faz annos hoje! Minhas felicitações. Com que então já é maior a nossa Mary! Como o tempo corre, Taylor!

TAYLOR

É maior, é. A mim o deve. Sabe em quanto me está importando essa menina? Uma fortuna!

JESSIE

Oah, sr. Taylor!

TAYLOR

Tenho aqui a sua conta corrente: chegou ha pouco pelo correio. Dezoito annos, dia a dia, desde que nasceu até hontem. Oitenta e duas

papinas! *(folheia a papelada)* Quarenta e dois contos, setecentos quarenta e tres mil duzentos e vinte e cinco reis! Basta lançar os olhos a esta primeira verba. Imagine! *(mostrando-lhe os papeis)* Só á parteira paguei eu quatro centos mil reis!

JESSIE

Oah, sr. Taylor! *(baixa os olhos, pudica)*.

JOHNSON *(rindo)*

Quatrocentos mil reis! ora vejam! Estravagante logo ao nascer! Oh, Taylor, se não é segredo, para que mandou você vir essa conta corrente?

TAYLOR (*pondo em ordem os papeis*)

É o meu presente de annos.

JOHNSON

Bravo! é um presente principesco! Já tem para os seus alfinetes com esse soberbo pé de meia!

JESSIE *(vexada)*

Vem, tio?

JOHNSON

Vamos lá fazer horas para o almoço. Vamos lá ver o grande Niagara. Até logo, Taylor.

TAYLOR

Até logo. Até logo, miss Jessie.

JOHNSON (*saindo com Jessie pelo F*)

Ora o diabo da lembrança! Uma conta

corrente em vez de um colar de perolas! que te parece?

TAYLOR (*mettendo os papeis no enveloppe*)

Cachopas roliças... Este Johnson a gabar-se! Aposto que nunca teve uma amante! Não teve com certeza...

SCENA III

Taylor e Rosa

ROSA (*do F com um ramo de rosas, alegre, a rir: vendo Tayloı, pára*)

Ah!

TAYLOR

Que é? que quer? que deseja? porque está a rir?

ROSA

Peço desculpa a V. Ex.ª É que são os annos da menina e eu estou muito alegre...

TAYLOR

Não gosto de gente alegre. A alegria é coisą suspeita.

ROSA

Então eu hei-de chorar, meu senhor?

TAYLOR

Chorar é estupido e é immoral.

ROSA

Sim, sr.

TAYLOR

De quem é esse ramo?

ROSA

É o meu presente de annos *(simples, mostrando as flores)* Rosas... porque a menina é mesmo uma rosa... Eu tambem sou Rosa, mas só no nome. *(pausa: Taylor mostra-se abalado)* Como cá a gente não usa bilhetes de visita, vae eu e lembrei-me de trazer estas rosas para a menina não se esquecer da Rosa. Valem pouco, mas são dadas com o coração. V. Ex.ª desculpará...

TAYLOR *(ouve-a interessado, quasi a sorrir, e depois de ella falar fica um momento como que á espera de mais: mas logo cae em si)*

Está bem. Ponha isso para ahi. *(Rosa põe o ramo sobre uma cadeira: Taylor segue-lhe os movimentos)* Você sabe ler?

ROSA

Sei... pouco, meu senhor.

TAYLOR

Onde aprendeu isso? *(surpreza de Rosa)* Onde colheu isso?

ROSA

Isso quê, meu senhor?

TAYLOR

Isso que disse... das rosas.

ROSA

Ah! Eu não colhi, saberá V. Ex.ª: comprei.

TAYLOR *(volta-se para occultar um meio sorriso)*

Custa-lhe pouco a ganhar o dinheiro. Antes comprasse um avental, ou uns sapatos. Póde ir. *(Rosa faz uma mesura e entra em casa, onde é vista pouco depois arrumando os moveis: Taylor mette os papeis no bolso, olha para as rosas, dá alguns passos para entrar em casa, torna a olhar para as rosas, vae, presuroso, buscal-as, atira para longe as flores da jarra, com todo o cuidado mette as rosas na jarra, e fica por instantes a contemplal-as, sorrindo)* São muito bonitas! *(entra em casa.)*

SCENA IV

Carlos, Rosa. Depois Emilia. Depois Manuel.

CARLOS *(da E, charuto na bôca)*

Esta minha cabeça... Onde demonio deixaria eu...? Querem ver que foi em casa da... Ora vamos por ordem. Hontem de tarde tirei eu o papel d'este bolso. Vejamos... *(despeja sobre uma meza as algibeiras: papeis, cigarros, phosphoros)* Mas onde o metti depois? Aqui não está. Que ferro e que transtorno! *(vendo Rosa)* Aquella é que vae tirar-me de apuros. Oh, Rosa! venha cá *(Rosa assoma á porta de casa e fica ao topo dos degraùs)*. Quando hoje arrumou os meus quartos...?

Rosa

Não arrumei, menino: já estavam arrumados.

Carlos

Pois bem: quando hoje não arrumou os meus quartos não achou um papel...?

Rosa

Não, menino.

Carlos

...um papel d'este tamanho, meia folha, escrita só de um lado?

Rosa

Não, menino.

Carlos

Foi-se a ultima esperança. E agora? que arrelia!

Rosa

Não quer mais nada?

Carlos

Nada mais. Pode retirar-se a D. Rosa. *(Rosa sae)* Perdi, não ha que ver. Ora esta! Terão ficado em casa da...? (*torna a rever os papeis*) Nada. *(reparando n'um papel)* Oh, diacho! Lá me esqueci de pagar a conta da ceia! *(lendo)* Tres garrafas de champagne para dois! que ladroeira! nem o provei... *(põe o papel de parte e mette a trapalhada nos bolsos)* Perdi, não ha duvida...

EMILIA *(entra da D com um braçado de flores e uma tesoira)*

Bravo, Carlos! muito bem! *(põe as flores sobre a meza).*

CARLOS

Bons dias, minha avó! (*beija-lhe a mão*) Dormiu bem?

EMILIA

Que não fumavas, hein! *(Carlos esconde o charuto*) E logo uma chaminé d'esse tamanho! (*pega no papel que lê*).

CARLOS

Foi uma tentação, avó... *(vendo o papel na mão de Emilia*) Oh, demonio! Fumar é uma porcaria, avósinha...

EMILIA *(meio severa)*

Sim... tudo porcarias, tudo tentações. Pois auctoriso a porcaria, mas toma cuidado com as tentações do champagne... (*pondo o papel na meza*) Guarda esse papel, pequeno. A proposito: porque vaes tu a Santarem no dia dos annos de tua irmã?

CARLOS

É que... é que estão lá os rapazes do *foot-ball.*

EMILIA

Hm... Os rapazes? estão lá os rapazes... do *foot-ball?* Um almoço, não é verdade?

CARLOS

Exactamente... um almoço. Mas estou de volta ao jantar.

EMILIA

Então não percas tempo. Vê lá não esfrie esse almoço... E dize cá, filho: tambem haverá champagne n'esse *foot-ball* de Santarem?

CARLOS

Ai, a minha avó! Como ella é boasinha! *(beija-lhe a mão).*

EMILIA

Vae, vae, e muito juizo!

CARLOS

Então com licença. (*a Manuel que vem da D)* Manuel, mande chegar o auto. Até já. Demoro pouco: (*Entra em casa e Manuel sae pela D*).

SCENA V

Emilia. Depois Mary. Depois Nelson.

EMILIA *(tratando das flores)*

Ora aqui está o que é uma avó — uma caixinha de segredos, um mata-borrão de peccadilhos, uma capa de passa-culpas. Mas não é máu o emprego...

MARY (*da E, lendo um papel: a Emilia com uma grande serenidade*)

Minha avó... que grande desgraça!

EMILIA (*olhando para Mary attentamente*)

Estás tão consternada que a desgraça é com certeza uma catastrophe. Que succedeu?

MARY (*sempre muito serena*)

Minha avó... eu amo o tio Ricardo: soube-o agora mesmo (*olha para o papel*).

EMILIA (*comicamente consternada*)

Effectivamente... que grande desgraça! (*outro tom*) E só agora dás por isso? (*senta-se*).

MARY

Como? A avó já tinha dado por isso?

EMILIA

Toda a gente... menos teu pae e tu. Ora Deus te dê o que te falta. E essa descoberta afflige-te? Louvado seja Deus, como tudo está mudado! Nos meus tempos de rapariga isso era uma alleluia. Repicavam os sinos como em dias de festa, e, se vinham lagrimas... que dôces lagrimas a gente chorava! E elle? que diz teu tio a essa... doença?

MARY

Elle não gosta de mim.

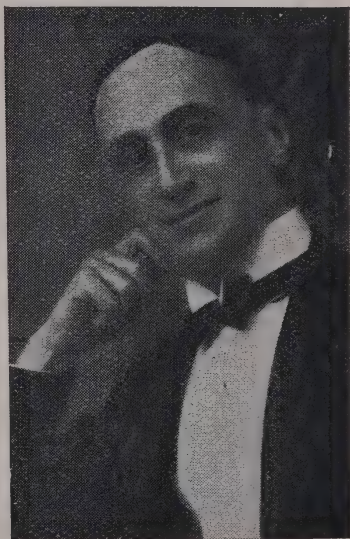
EMILIA

Que me dizes?! Não gosta de ti?! Já é ter má bôca!

MARY

Não é verdade, avó? Não sou uma mocetona desempenada? Que mais quer elle? um

RUBEN MELLO
(*Thomé*)

JOSÉ HENRIQUES
(*Chico*)

TEIXEIRA SOARES
(*Guarda-portão*)

velho... Antes de virmos para Torres Novas andava sobre brazas por causa do sr. Nelson. Agora que o sr. Nelson está longe—e ainda bem! cá não vem elle—moita! Nunca tem nada para me dizer. Fica embasbacado a olhar para mim com olhos de carneiro mal morto...

EMILIA

Isso é grave! Olhos de carneiro mal morto... é muito grave!

MARY

Eu faço tudo para lhe agradar. Ainda hontem... ainda hontem arranjei uma linda cabeça á Maria Stuart. Pois sabe o que elle disse? (*batendo as syllabas*) Que estava bem, que eu estava sempre bem, de qualquer maneira. E foi tudo.

EMILIA

Tambem é grave! Quando um homem acha uma mulher sempre bem... e de qualquer maneira... é porque não gosta d'ella.

MARY

É por que gosta de outra... de cabellos loiros. Ora veja a avó estes versos escritos á machina, que eu encontrei na secretaria d'esse senhor, a uma *miss*. Sempre inglezas!

EMILIA

Versos? Isso agora é mais de que muito grave! Tambem serão do João de Deus?

MARY

São d'elle, avó. João de Deus nunca fez versos tão máus.

EMILIA

É o que se vae ver (*lendo*) «O teu cabello»... Começam todos pelo cabello e acabam por não o ver. (*lendo*)

«Ai, mulher! nunca suppuz
Que existisse um tal thesoiro!
Dir-se-ia ser feito de oiro,
Dir-se-ia feito de luz...»

É bonito!

MARY

Que disparate! Cabellos de oiro... Fios de ovos é que serão.

EMILIA (*lendo*)

«Talvez seja luz e oiro
Combinados. Tão intenso
É o seu brilho, que até penso
Que é negro quando é tão loiro».

Gracioso!

MARY

Vê? loiro... Tenho uma raiva ás loiras!

EMILIA (*lendo*)

«Que tentações, que desejo,
Mas desejo casto e doce
De lhe dar, que mais não fosse,
Apenas de leve um beijo!»

Velhaquete!

MARY

Que nojo! beijar cabellos, talvez postiços!

EMILIA (*lendo*)

«Não te zangues, porque, em summa,
Um beijo que significa?
Dá-se um beijo e nada fica
Quando a maldade é nenhuma.»

MARY

Que versos tão mal feitos! não é verdade, minha avó?

EMILIA

Muito! muito mal feitos! Mas que lindos seriam se o cabello fosse o teu!

MARY

Ora... (*pausa*) E agora avósinha? Que hei-de eu fazer? que me aconselha? (*guarda os versos no seio*).

EMILIA

Que te aconselho?! Não te aconselho nada. Ora a lembrança! (*um silencio*) Dissimula... A grande arma da mulher, filha, está na dissimulação. A dissimulação é a unica arma, a melhor arma que a mulher intelligente... Então não querem lá ver! eu a dar lições de garridice á minha neta!

MARY

Se a avó dissesse ao tio Ricardo...

EMILIA

Oh, pequena!

MARY

Valeu?

EMILIA

Estás doida?! tu achas-me com cara para esse papel?!

MARY

Não te zangues, minha querida velhinha. E obrigada pela dissimulação. Vou dissimular.

NELSON (*do F com um enorme ramo de flores*)

Good morning!

MARY (*arreliada*)

Ai, credo! até no campo!

EMILIA (*alegremente*)

Ah, é o sr. Nelson! Muito bons dias. Seja muito bem vindo! (*a Mary*) Dissimula, pequena. Encantada com a sua visita! Não nos esqueceu n'este dia de festa (*Nelson beija a mão de Emilia e faz uma venia a Mary*) E traz o seu presente delicado. Então, Mary, não vês que são para ti essas soberbas flores?

MARY

Soberbas, realmente! (*recebendo o ramo*) Agradecida.

EMILIA (*acenando para a D a Manuel que entra pouco depois*)

Uma bella surpreza, sr. Nelson! Vem demorar-se, pois não?

NELSON

One day only.

EMILIA

Um dia só? (*a Manuel*) Diga a meu filho que chegou o seu amigo, sr. Nelson. (*Manuel entra á E: Emilia levanta-se*) Vou mandar preparar-lhe um aposento. Volto já. Minha neta lhe fará companhia (*sae pela E fazendo signaes a Mary*).

SCENA VI

Mary e Nelson

MARY (*um silencio: risonha, mas contrafeita*)

Sabia que eu faço annos hoje?

NELSON

Yes.

MARY

Olhe que são dezoito.

NELSON

Eighteen, yes (um silencio).

MARY

Snr. Nelson... eu... já sou maior. *(pausa)* Ser maior é ser senhor da sua vontade. *(gesto de acquiescencia de Nelson)* Snr. Nelson... *(pausa)* eu vou começar a exercer o meu direito... Snr. Nelson... Ai, meu Deus! como hei-de eu dizer isto? Snr. Nelson... vou ser leal, quer?

NELSON

Yes.

MARY

Pois bem: eu nunca casarei comsigo. Prompto! (*a um meio sorriso de Nelson*) Como? julga que hei-de ser um dia a senhora Nelson?

NELSON

I'm sure.

MARY

Tem a certeza?! O sr. Nelson... desculpe a franqueza... não é bonito.

NELSON

I know. I'm not.

MARY

É apenas rico.

NELSON

Oah! very rich!

MARY

Ao passo que eu...

NELSON

Oah! you a beauty!

MARY (*n'uma mesura*)

Muito agradecida! Ora sendo eu *a beauty,* que é o mesmo que dizer uma obra prima...

NELSON

Yes, prima...

MARY *(idem)*

Muito agradecida! sendo eu isso e não o amando...

NELSON

Nevermind.

MARY

Como?! *Nevermind?!* Não se importa?!

NELSON

No importa.

MARY

E se eu já tiver um noivo?

NELSON

I'll kill him!

MARY *(assustada)*

Que diz?! Mata-o?!

NELSON

Yes, mata.

MARY

Mas isso seria um crime! *(entra Manuel da E, e com o gesto indica a Nelson que pode entrar)* um crime que as leis do meu paiz punem severamente!

NELSON

Oah! I'm an englishman! Eu sou inglez! *(faz uma venia a Mary, afasta Manuel com o gesto e entra á E, muito direito: Manuel segue-o).*

MARY *(ri, mas logo a seguir mostra-se inquieta)*

Ai, que é doido! Coitadinho do tio Ricardo! Vou prevenil-o... *(Corre para a D e esbarra com Ricardo).* Ai, credo! que susto me pregou!

SCENA VII

Mary e Ricardo

RICARDO (*n'uma raiva mal contida*)

Que veiu aquelle idiota cá fazer?

MARY

Idiota! Eu já te ensino! Idiota uma pessoa tão intelligente! que injustiça, tio!

RICARDO

Que veiu cá fazer?

MARY

Veiu ver-me. E estou-lhe muito reconhecida. Fez esta longa jornada—duas horas no rapido, imagine!—só para me trazer estas lindas flores. Um amor de flores! Cheire *(Ricardo afasta-lhe o braço com impeto)* Mais amavel do que o tio que não me deu nada no dia dos meus annos, nem ao menos um mangerico de tostão. Bom senhor Nelson! Fica um mez a meu pedido. Agora sim que vou divertir-me. É um gosto conversar com elle. Tem muito espirito. É muito eloquente!

RICARDO

Um álarve!

MARY

O tio não tem o direito de chamar isso ao meu noivo.

RICARDO

Teu noivo aquelle gato pingado?!

MARY

Meu noivo, sim sr. Não gostava d'elle, mas gosto agora. É um *charmeur*. É quasi um Petronio. E' o meu Othello. Adoro-o!

RICARDO

Um Othello de panno crú!

MARY *(tirando os versos do seio e pondo-os bem em evidencia)*

Um homem energico, é que elle é. Até mata gente! Não é como certas pessoas que fazem versos com assucar e andam ahi pelas esquinas a beijar os cabellos ás creadas de servir. O meu Nelson é um verdadeiro homem em prosa e ha-de ser um marido ideal—o meu marido, porque eu hoje sou maior e offereci-lhe a minha mão.

RICARDO *(agarrando-a por um braço)*

Tu que dizes?! Tu falas serio?!

MARY

Ui, credo! que dedos de ferro! Falo serio, sim sr. E então? Cuida que hei-de ficar para tia

como o tio ficou? Por emquanto tem só dois sobrinhos. Pois descance que ha-de ter um batalhão de Nelsonsinhos para lhe pedirem a benção todas as manhãs: «sua benção, titi Ricardo!» Que lindo!

RICARDO

Basta de gracejos!

MARY

E o tio ha-de ver-me passar de carruagem, puxada a cavallos de raça... de aeroplano até, ouviu? Porque o meu adorado noivo é rico, mais rico do que o tio, muito mais rico.

RICARDO

Ah! é rico o bruto?

MARY

É rico, sim sr. É um Crésus! Ser rico é tudo, é ter tudo, até talento. «O rico é um homem de bem», diz o papá. E diz o sr. Pope que o tio nunca leu.

RICARDO

É a riqueza que te tenta? Vae, rapariga, casa-te, suicida-te. Era de esperar *(arreda-a, mas Mary segura-o por um braço)*. Dinheiro, sempre o dinheiro, a mola real! Deixa-me passar!

MARY

Não deixo! Isso não são palavras que se digam a uma sobrinha! Eu não me vendo, ouviu?

RICARDO

Não. Hypothecas-te a uma fabrica de barretes de dormir.

MARY

Meu proveito! E prometto-lhe dois barretinhos brancos para dormir em Londres com a sua ingleza ruiva.

RICARDO

Não me tentes, Mary! não me tentes! Olha que eu...! *(ergue a mão crispada).*

MARY *(chegando-se muito a elle)*

Oh, tio! bata-me, bata-me pelo amor de Deus! *(Ricardo agarra a cabeça com as mãos ambas e sae desorientado para a D: Mary fica a olhar para a D e deixa cair o ramo)* Hm... De que me serviu dissimular? Eu bem dissimulei, mas elle não percebeu nada. Que estupido! *(amarrota o papel e atira-o ao chão: ouve-se a busina de um automovel).*

SCENA VIII

Mary. Emilia. Carlos. Rosa.

EMILIA *(da E com Carlos, e seguida de Rosa que traz uma maleta e logo sae pela D)*

Não te esqueças de que o jantar é ás sete. Não faltes, Carlos.

CARLOS

Então eu havia de faltar n'este grande dai de festa, minha avó e senhora! Serei pontual,

mesmo porque tenho de fazer um brinde a esta menina. Adeus, Mary. Até logo *(abraçando-a)*. Agora este xi-coração muito apertado. Logo o meu presente de annos: uma bola doirada com três brilhantes.

MARY

Para que quero eu isso?

CARLOS

Para jogares o *foot-ball* com a avó (*beija a mão de Emilia*).

EMILIA (*correndo-lhe a mão pelos cabellos*)

Cabecinha sem juizo!

CARLOS (*vendo o papel, apanha-o e desdobra-o*)

Que é isto? Os meus versos! Olhem os meus versos!

MARY *(sobresaltada)*

Teus?! Isso é teu?!

CARLOS

Ha mais de uma hora que os procuro. Ainda bem. Onde os achaste?

MARY *(olhando para Emilia)*

Esses versos são teus?

CARLOS

Muito meus. Onde estavam?

MARY

Não são do tio Ricardo? *(Emilia senta-se a rir)*.

CARLOS

Do tio Ricardo? Olhem que ideia tão estapafurdia! O tio Ricardo não tem talento para isso. Versos não faz quem quer.

MARY

Ai, minha avó! (*radiante, corre para Emilia, abraça-a e beija-a*) Ai, avó! que versos tão bonitos!

EMILIA

Hm... não acho.

CARLOS (*guardando o papel*)

Vão já para o Colyseu.

EMILIA

Para o Colyseu?

CARLOS

São para aquella loira do *cake-walk*... (*Emilia impõe-lhe silencio, indicando Mary, e elle põe a mão na bôca*) cala-te, bôca...

MARY (*encantada*)

O Carlos poeta, avó!

CARLOS

Poeta, poeta, não sei se sou. O que sei é que os versos são muito meus: custaram-me vinte mil reis! (*torna a beijar a mão de Emilia, que ri, e sae pela D, cruzando-se com Rosa, a quem mostra o papel*) Cá está o perdido (*Rosa sae pela E*).

MARY (*um silencio: meio envergonhada*)

Ai, avó...

EMILIA

Que foi? Fizeste alguma das tuas? Ahi anda tolice grossa.

MARY

Ai, avó... que de coisas eu disse ao tio Ricardo! Até me bateu, veja lá!

EMILIA

Que me dizes?! Bateu-te?! Então isso está mais adiantado do que eu suppunha!

MARY (*pausa*)

E agora, minha avó?

EMILIA

Agora? Isso não é comigo: é lá comtigo. Quem as arma que as desarme. (*pausa*) Queres tu um conselho? Vae pedir-lhe perdão... por elle te ter batido.

MARY (*muito risonha, hesitando um pouco, olha ora para o jardim, ora para Emilia: depois de um silencio*)

E vou... (*sae correndo pela D: Taylor apparece á secretária, dentro de casa. e abre-a: ouve-se a businа do automovel*).

SCENA IX

Emilia e Taylor.

EMILIA (*enternecida, seguindo Mary com os olhos*)

Minha querida neta! (*pausa*) Ora quer-me parecer que este ultimo acto de comedia não acaba sem que eu lhe dê um empurrãosinho. (*vendo Taylor á secretária*) Como a sôpa no mel... Pst! Vem cá. Chegas mesmo a proposito.

TAYLOR

Um momento... (*fecha a secretária e entra em scena*) Que deseja, minha mãe?

EMILIA

Senta-te aqui que temos muito que conversar: um conselho de familia...

TAYLOR

Um conselho de familia?! Só nós?!

EMILIA

É quanto basta. Muitos a discutirem um assumpto trazem sempre balburdia. Quando são dois só e ha empate de opiniões o bom senso encarrega-se do desempate. Senta-te. (*pausa*) Tu sabes que tua filha entrou hoje na sua maioridade?

TAYLOR

Pois não hei-de saber? Tenho ali dentro a

sua conta corrente: quarenta e dois contos, setecentos...

EMILIA

Quarenta e dois contos só? Foi de graça! E tu achas caro? Pois, meu filho... eu não sei quanto tu me custaste. Mas, custasses tu dez vezes essa quantia, que bem empregado dinheiro pelas alegrias fundas que o meu bébé me trouxe!

TAYLOR (*commovido*)

Oh, minha mãe!

EMILIA

É que a conta corrente das mães não se faz com algarismos: escreve-se com beijos. E a tinta dos beijos não é negra como a que tu usas no teu *Razão.* A tinta dos beijos não tem côr, não suja papel. É por isso que eu não sei quanto tu me custaste...

TAYLOR (*abraçando-a muito*)

Oh, minha querida mãe! Que grande alma a sua!

EMILIA

Então, então... Esqueces-te de que és inglez? Olha que em Inglaterra não se usam expansões d'essas! Bastava um aperto de mão.

TAYLOR (*beijando-lhe as mãos*)

Como é bôa!

EMILIA

Noto que n'estes ultimos tempos te esqueces muitas vezes do teu papel de homem frio. Ainda hontem te esqueceste. Julgas que não vi uma lagrimasinha a bailar-te nos olhos?

TAYLOR

Viu, bem sei. Foi quando a Margarida e o noivo passaram lá em baixo, na Charneca do Povo, á volta da egreja. Se era de enternecer...

EMILIA

Era de enternecer, era... E como iam radiantes os dois noivos, não é verdade?

TAYLOR (*indo na onda*)

E tão alegres! lembra-se? ella de blusa branca, elle com a sua jaqueta nova!

EMILIA

E que me dizes ao bom cheiro das estevas?

TAYLOR

E que me diz ao bom cheiro do rosmaninho?

EMILIA

E as raparigas do cortejo?

TAYLOR

É verdade... muito córadas, muito mordidas de inveja!

EMILIA

E a mãe da noiva com o seu grande lenço de ramagens!

TAYLOR

E uma tarde muito quente... muito luminosa...

EMILIA (*outro tom*)

E tu outra vez muito esquecido de que és inglez!

TAYLOR (*caindo em si e pretendendo levantar-se*)

Eu... ora essa! Não ha tal... ah, não!

EMILIA (*retendo-o*)

Não. Fica. É assim que eu te quero, filho. Manda lá para o escriptorio esse tal sr. Taylor carrancudo e deita fóra a mascara. É assim que eu quero ver-te, como quando eras pequenino, com esse mesmo olhar claro, bem aberto, bem leal...

TAYLOR

Minha mãe... (*encosta a cabeça ao hombro de Emilia*)

EMILIA

Isso... assim... meu querido filho... (*ficam assim por instantes, elle sorrindo, ella acarinhando-o: pausa longa*) E basta... basta... (*pausa: depois de limpar uma lagrima*) E agora que falámos do casamento de Margarida... falemos tambem do casamento de tua filha.

TAYLOR (*vencido*)

Da Mary, minha mãe?

EMILIA

Da Mary, sim. A pequena está apaixonada.

TAYLOR

Apaixonada? deveras? *(muito terno)* Coitadinha da Mary! Mas... com dezoito annos...

EMILIA

Querias que ella se apaixonasse aos cincoenta? Valha-te Deus! Pois por isso mesmo: por ter dezoito annos. Ora tu que és tão perspicaz já deves calcular quem seja... o tal.

TAYLOR

Será... será o Nelson?

EMILIA

Muito perspicaz este meu filho! Oh, homem! quando te resolves tu a abrir os olhos?

TAYLOR (*muito admirado*)

Não é o Nelson?!

EMILIA

Não, filho, não é o Nelson. E ainda bem.

TAYLOR

Então quem é? Aqui só ha o Johnson...

EMILIA

Só ha o Johnson? Deveras? Não estás bom da cabeça, Deus me perdõe! Então o Ricardo não é gente?

TAYLOR (*erguendo-se, com uma grande alegria*)

O Ricardo?! Pois é o Ricardo, minha mãe?! (*pausa: transicção*) Pode lá ser! Não consinto!

Um estroina! um maluco! um velho! e de mais a mais... um portuguez!

EMILIA

Portuguez, sim. Tu julgas que na tua adorada terra de inglezes se ama, se quer mais e melhor do que em terras de Portugal? (*erguendo-se*) Ora repara para esse lindo par que ahi vem, todo batido de sol... (*Taylor volta-se para a D e fica a olhar: pausa*) Vês? Não é lindo?

TAYLOR

É lindo, é...

EMILIA

E fica sabendo que aquillo não é um *flirt* de luvas... á ingleza. Aquillo é gente que se ama... bem á portugueza. E pede a Deus que te faça avô... como eu...

TAYLOR (*afagando-a*)

Tem uma tal maneira de dizer as coisas, minha bôa, minha santa mãe! (*apontando para a D*) E nem nos vêem! Que dirão elles?

EMILIA

Que dirão? Valha-te Nossa Senhora! Que dirão? o que tu já disseste... (*com saudade e melancolia*) o que eu já disse...

(Pouco depois entram Mary e Ricardo, meio abraçados, olhos nos olhos, e, sem verem os que estão em scena, caminham de vagar para o F, ao passo que o panno desce lento).

FIM

BIBLIOTECA
CIVILIZAÇÃO

Perdão tardio

por

Campos Monteiro

N.º 2

"A PRIMEIRA DULCE
QUE HOUVE EM PORTUGAL"

NOVELA HISTORICA

POR

SILVA TAVARES.

A sair na 1.ª quinzena de Março

Camilo Alcoforado

Romance em continuação de
MISS ESFINGE

POR

CAMPOS MONTEIRO

André Brun

FILOSOFIA DE FELIX PEVIDE . . 10$00

Campos Monteiro

MISS ESFINGE 3.ª edição . . . . . . 10$00
MOEDA CORRENTE . . . . 10$00
VERSOS FORA DE MODA . . . . 5$00
MUSA IRÓNICA . . . . 8$00
QUANDO SE AMAVA ASSIM . . . 8$00

Carlos Abreu

PAISAGEM DO SOL NASCENTE . . 8$00

Eduardo de Noronha

COM OS OLHOS NA PATRIA! . . . 15$00
MARQUESA DE CHAVES . . . . . 12$50
PINA MANIQUE . . . . 10$00

Eduardo de Sousa

O POETA DO SÓ . . . . 5$00

Silva Tavares

ROSARIO DE RIMAS . . . . 12$50
MAIS CANTIGAS . . . . 10$00
VARÕES E... LUSTRES . . . . . . 10$00

Campos Monteiro

Os Lusiadas anotados e parafraseados (6.º milhar), enc. 20$00
Versos fora de moda (2.ª edição . . . . 5$00
Musa Irónica (monólogos e contos em verso) 2.ª edição 8$00
A oito dias de vista (crónicas) 10$00
A Promessa (peça em 1 acto, em verso) . . . . 2$50
Miss Esfinge (3.ª edição) . . 10$00
O crime duma mulher honesta (drama em 2 actos) . . 2$50
Saude e Fraternidade (sátira politica), 20.º milhar . . . 10$00
Moeda corrente (crónicas e contos), 4.º milhar. . . . 10$00
Quando se amava assim (peça em 3 actos) . . . . 8$00
Camilo alcoforado . . . . $

Colecção A. Figueirinhas

(PARA AS CRIANÇAS)

N.º 1—Velhos contos gregos.
» 2—Três contos de Andersen.
» 3—Contos Escandinavos.
» 4—Velhos contos ingleses.
» 5—Contos meridionais e Fabulas de Esopo.
» 6—Contos de Grimm.
» 7—O vale magico.
» 8—Os serões das crianças.
» 9—Jack, o gigante assassino.
» 10—O [illegible] magico.
» 11—Contos de Perrault e escandinavos.
» 12—Contos, por F. Mechin.
Cada volumesinho . . . . . 3$00

André Brun

Filosofía de Felix Pevide . . 10$00

João Paulo Freire (Mario)

O livro de João Franco sobre El-Rei D. Carlos . . . . . 8$00
Homens do meu tempo. . . 10$00

Antonio Claro

Memorias de um Vencido, br. . . . . 10$00

Silva Tavares

Rosario de Rimas. . . . . . 12$50
Mais Cantigas . . . . 10$00
Varões e... lustres . . . . . 10$00

(BIBLIOTECA DAS FAMILIAS)

M. Delly

A Exilada . . . . 10$00

Paul Bourget

Coração enamorado não sabe para onde vai . . . . . . 10$00

Etiénne Marcel

A Avó . . . . 10$00

(BIBLIOTECA CIVILIZAÇÃO)

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

N.º I — Perdão Tardio (por Campos Monteiro) . 3$00
» II — A primeira Dulce que houve em Portugal (por Silva Tavares) . . . . . 3$00

(BIBLIOTECA CULINARIA)

dirigida por FEBRONIA MIMOSO

N.º I — Mais de cem maneiras de cosinhar bacalhau . . . . . 2$50
» II — Cem maneiras de fazer doces para chá . . . . 2$50